UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE – UFCSPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIENCIAS DA SAUDE

Rosane Bossle Bernardi

Estudo do efeito da exposição à poluição do ar sobre o estresse oxidativo e o número células neuronais e microgliais no córtex e estriado de ratos

Porto Alegre 2019

Rosane Bossle Bernardi

Estudo do efeito da poluição do ar sobre o estresse oxidativo e o número de células neuronais e microgliais no córtex e estriado de ratos

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre como requisito para a obtenção do grau de Doutor.

Orientador: Profa. Dra. Cláudia Ramos Rhoden

Co-orientador: Profa. Dra. Helena Maria Tannhauser Barros

Porto Alegre 2019

Catalogação na Publicação

Bernardi, Rosane Bossle
Estudo do efeito da poluição do ar sobre o estresse oxidativo e o número de células neuronais e microgliais no córtex e estriado de ratos / Rosane Bossle Bernardi. -- 2019.
72 p. : il., graf., tab. ; 30 cm.

Tese (doutorado) -- Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, 2019.

Orientador(a): Claudia Ramos Rhoden ; coorientador(a): Helena Maria Tannhauser Barros.

1. poluição atmosferica. 2. estresse oxidativo. 3. neurogenese. I. Título.

Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da UFCSPA com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Agradecimentos

Depois de uma caminhada tão longa, é difícil fazer agradecimentos sem involuntariamente deixar de citar alguém. Foi muita gente a me ajudar seja diretamente na construção do trabalho seja cuidando da retaguarda na sala de aula ou me acompanhando e incentivando nos momentos difíceis ou simplesmente ficando ao meu lado em silencio quando isso era o melhor a fazer.

Sou muito feliz por ter a vida permeada de pessoas sensacionais. No meio acadêmico, a Profa. Dra. Newra Telechea Rotta foi a responsável pelo início da minha carreira acadêmica. Em continuidade tive o privilégio de conhecer a Profa. Dra. Helena Maria Tannhauser Barros com quem aprendi a fazer pesquisa e a quem devo muito do meu conhecimento científico. Finalmente, devo à Profa. Dra. Cláudia Ramos Rhoden, minha orientadora de doutorado, a possibilidade de concluir e apresentar este trabalho. Sem a sua amizade, paciência e perseverança eu não teria conseguido.

Agradeço em especial à Dra. Ana Cláudia Zanchi pela gentileza, presteza e paciência para me dar subsídios quanto às técnicas histológicas e pelo despojamento em oferecer os seus dados para estudo.

O apoio dos colegas professores da disciplina de Farmacologia: Profa. Dra Denise Dantas e Prof. Dr. Mauro Pontes foi essencial para que eu pudesse confeccionar boa parte do trabalho.

Agradeço à amiga Maristela Ferigolo pelo carinho e amizade incansáveis.

Agradeço ao meu irmão querido e a minha cunhada que estiveram sempre ao meu lado acreditando que eu fosse conseguir. O amor de vocês foi essencial.

Aos meus pais que foram exemplos de perseverança, honestidade e bondade.

Agradeço imensamente ao Dr. Cláudio Moojen Abuchaim por me ajudar a reconstruir os meus caminhos e a encontrar a lucidez e a serenidade para segui-los

Aos meus alunos que são o estímulo para nos aprimorarmos sempre.

Aos inocentes animais esperando que o seu sacrifício e sofrimento se traduzam em benefício da vida.

Ao Criador, por esta nave espacial tão linda em que viajamos pelo cosmos...o nosso planeta.

RESUMO

A exposição crônica à poluição atmosférica (PA) desencadeia mecanismos de neuroinflamação e de estresse oxidativo os quais estão envolvidos na fisiopatogênese de muitas doenças neurodegenerativas. O objetivo deste estudo foi investigar o efeito da exposição crônica à PA em período pré-natal, após o nascimento ou pré e pós-natal sobre biomarcadores de estresse oxidativo (EO), número de neurônios e de células microgliais do córtex e do estriado de ratos. O nosso trabalho também objetivou examinar se a troca de ambientes por ocasião do desmame alteraria parâmetros de EO ou histológicos. Setenta e dois ratos Wistar machos foram distribuídos em 4 grupos de exposição: 1) grupo F ou controle – exposto durante o período pré e pós-natal até a idade adulta ao ar filtrado;2) grupo NFF – exposto ao ar não filtrado no período pré-natal até o desmame e após, ao ar filtrado; 3) grupo FNF - exposto ao ar filtrado no período pré-natal até o desmame e após, ao ar não filtrado; 4) NF - exposto ao ar não filtrado no período pré-natal até a vida adulta. Após 150 dias de vida, córtex e estriado de 48 animais (n=12 por grupo de exposição) foram dissecados e submetidos às análises de EO: determinação da da atividade das enzimas superóxido dismutase (SOD) e catalase (CAT) e das concentrações de malondialdeido (MDA) e glutationa total (GSHt). Na sequência, córtex e estriado de outro lote de animais (24 - n= 6 por grupo de exposição) foram preparados para estudo histológico, por técnica estereologica, para a determinação do número de neurônios e de microglia. A concentração de MDA foi significativamente mais elevada no córtex e no estriado do grupo NF. O estriado apresentou um aumento e o córtex apresentou redução na concentração de GSHt no grupo FNF. A atividade da SOD foi reduzida no córtex de todos os grupos expostos em algum período da vida à PA e no estriado do grupo FNF. A exposição à PA não modificou a atividade da CAT nas regiões estudadas. Não houve diferença entre os grupos quanto ao número de neurônios ou de microglia no estriado. Por outro lado, o número de neurônios e de microglia foi significativamente mais elevado no córtex do grupo FNF. Nossos resultados sugerem que estriado e córtex têm limiares de reação e respostas adaptativas distintas ao EO gerado pela exposição a PA. A troca precoce de ambiente impediu e talvez reverteu o quadro de EO. Sugerimos que a PA seja capaz de induzir neurogênese no córtex, embora provavelmente de forma transitória e como mecanismo compensatório.

Palavras-chave: poluição do ar, estresse oxidativo, neurogênese

ABSTRACT:

Chronic exposure to air pollution (AP) triggers neuroinflammation and lipoperoxidation mechanisms involved in physiopathology of several neurodegenerative diseases. The aim of this study was to investigate the effect of AP on biomarkers of oxidative stress (OS) and number of neurons and microglial cells in cortex and striatum of rats chronically exposed to AP at ambient level. We also aim to examine if environment change at weaning age would modify OS or histological parameters. Seventy two male Wistar rats were distributed in four groups of exposure as follows: control group FA - exposed during pre and post-natal period until adulthood to filtered air; group NFA-FA - exposed to non-filtered air during pre-natal period until weaning and then to filtered air; group FA-NFA - exposed to filtered air during pre-natal period until weaning and then to non-filtered; group NFA - exposed during pre and post-natal period to non-filtered air. After 150 days, cortex and striatum of 48 rats (n= 12 of each group of exposure) were harvested and prepared for measuring the activity of antioxidant enzymes superoxide dismutase (SOD) and catalase (CAT), and concentrations of malondialdehyde (MDA) and total glutathione (GSHt). At the same time, the same brain structures of the remaining 24 animals (n= 6 of each group of exposure) were prepared for histological study through stereological method to determine the number of neurons and microglia. The cortex and striatum of NF group showed a significant increase in cortical MDA concentration. GSHt concentration was lower in cortex and higher in striatum of FNF group. There was a significant decrease of SOD activity in cortex of all groups exposed to AP. AP exposure did not alter CAT activity in cortex or striatum. The histological study showed no significant differences in neurons or microglial number of striatum between exposed or not to AP. On the other hand, neuron and microglial number were significantly high in FNF group. Our findings suggest that striatum and cortex have dissimilar thresholds to react to AP exposure and different adaptable responses to chronically AP-induced OS. At least for cortex, changing to a non-polluted environment early in life was able to avoid and perhaps reverse the OS. We also *hypothesize* that the exposure to AP can trigger cortical neurogenesis even though transiently maybe as a compensatory mechanism.

Key-words: neurogenesis, air pollution, oxidative stress.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BHE	Barreira hematoencefálica
CAT	Catalase
CO	Monóxido de carbono
EO	Estresse oxidativo
ERN	Espécies reativas de nitrogênio
ERO	Espécies reativas de oxigênio
GSHt	Glutationa total
IQA	Índice de qualidade do ar
MDA	Malondialdeído
MP	Material particulado
MP_{10}	Material particulado com diâmetro aerodinâmico igual ou inferior a 10 micrometros ou grosso
$MP_{2,5}$	Material particulado com diâmetro aerodinâmico igual ou inferior a 2,5 micrometros ou fino
$MP_{0,1}$	Material particulado com diâmetro aerodinâmico igual ou inferior a 0,1 micrometros ou ultrafino
NO_2	Dióxido de nitrogênio
O_3	Ozônio
OMS	Organização Mundial de Saúde
PA	Poluição do ar
Pn	Pós-natal
ROFA	*Residual oil fly ash*
SNC	Sistema nervoso central
SO_2	Dióxido de enxofre
SOD	Superóxido dismutase
TNFα	Fator de necrose tumoral alfa

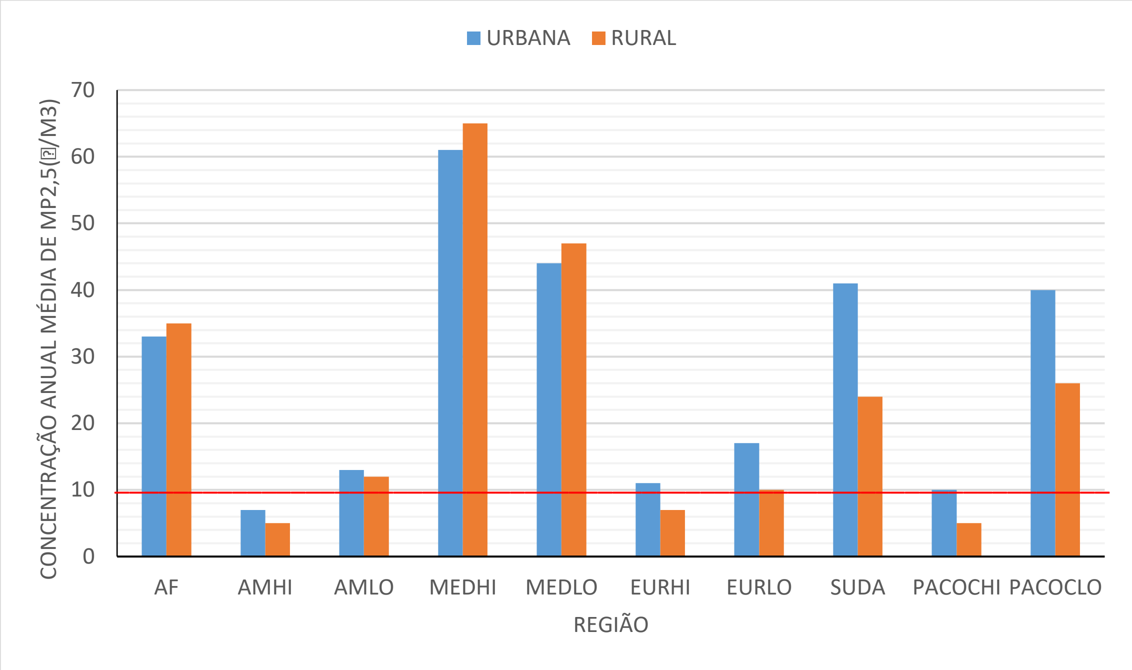
Sumário

1. INTRODUÇÃO

1.1 Composição da poluição do ar e controle da qualidade do ar.

A poluição do ar (PA) é um toxicante ambiental multifacetado composto de uma mistura dinâmica de substâncias cujos componentes podem variar na dependência de diversos fatores como condições climáticas, geografia e mecanismos geradores. Entram na constituição dos poluentes atmosféricos: material particulado (MP) que inclui componentes orgânicos, metais e todo o tipo de material sólido passível de se manter suspenso na atmosfera, gases (óxidos de nitrogênio, enxofre e ozônio) e líquidos. O MP é usualmente caracterizado de acordo com o seu diâmetro aerodinâmico em: MP_{10} ou grosso, composto de partículas com diâmetro igual ou inferior a 10μm, $MP_{2,5}$ ou fino que compreende partículas com diâmetro aerodinâmico igual ou inferior a 2,5μm e $MP_{0,1}$ ou ultrafino, composto de partículas ultrafinas com diâmetro aerodinâmico igual ou menor do que 0,1μm. Os veículos automotores são a principal fonte de PA, sendo que os motores a diesel movimentam uma ampla gama de veículos e máquinas usados no transporte terrestre e marítimo, construção civil, agricultura, mineração, etc. A combustão do diesel gera mais de 40 poluentes tóxicos e é o principal contribuinte na geração de MP, particularmente de $MP_{2,5}$ e $MP_{0,1}$. A figura 1 oferece uma visão dos dados obtidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre os níveis de PA composta de $MP_{2,5}$ conforme a região do globo e, dentro de cada região, se rural ou urbana.

Figura 1 - Concentração anual média de $MP_{2,5}$ por região do planeta e suas áreas urbanas e rurais, 2016.



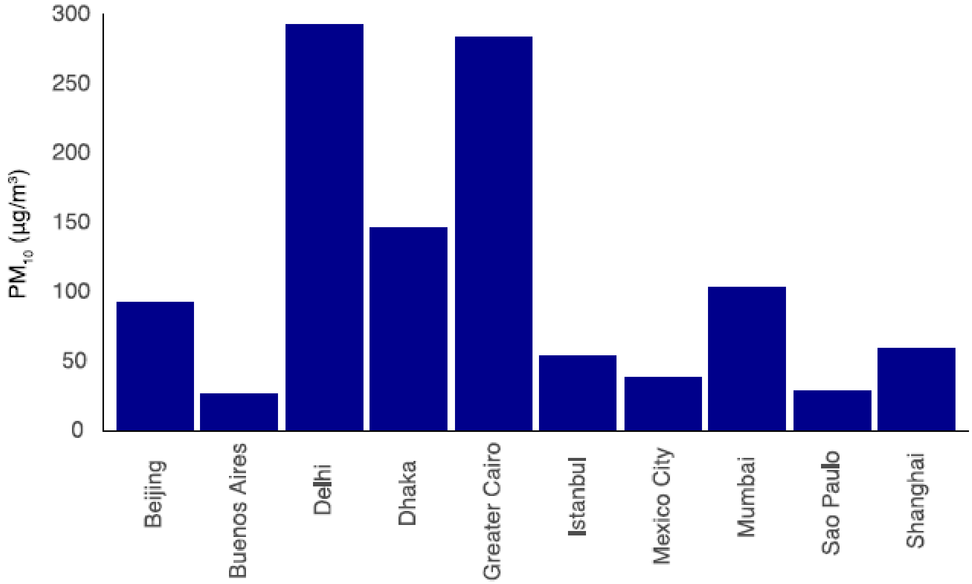
AF- AFRICA; AMHI - AMERICA *HIGH INCOME*; AMLO - AMERICA *LOW INCOME*; MEDHI - MEDITERRÂNEO ORIENTAL *HIGH INCOME*; MEDLO - MEDITERRÂNEO ORIENTAL *LOW INCOME*; EURHI - EUROPE *HIGH INCOME*; EURLO - EUROPE *LOW INCOME*; SUDA - SUDESTE ASIATICO; PACOCHI - PACÍFICO OCIDENTAL *HIGH INCOME*; PACOCLO - PACÍFICO OCIDENTAL *LOW INCOME*.

Fonte – OMS - *Exposure to ambient air pollution from particulate matter for 2016*.

Na maioria das regiões do mundo as médias anuais de $MP_{2,5}$ são mais elevadas do que os níveis estabelecidos pelas diretrizes de qualidade do ar da OMS que são de 10 µg/m^3 (linha vermelha na figura). As regiões com exposições particularmente mais intensas são o mediterrâneo oriental, o sudeste da Ásia e a região oriental do Pacífico. No mediterrâneo oriental as cidades mais comprometidas são Abu Dhabi, Doha, Riade e Ma'ameer. As cidades mais poluídas do sudeste da Ásia são Delhi e Daca, enquanto que Bagdá, Lahore e Cairo são as mais poluídas do pacífico oriental (OMS, 2018). A PA não se origina exclusivamente da atividade humana. Ela pode ser fortemente influenciada por fatores climáticos como tempestades de areia e poeira nas áreas rurais próximas a desertos como ocorre na África e no Mediterrâneo oriental, conforme demonstrado no gráfico acima. No entanto, nas demais regiões as concentrações nas áreas urbanas são maiores do que nas rurais.

A OMS (*https://www.who.int/airpollution/ambient/pollutants/en/*) considera o $MP_{2,5}$ um dos mais danosos poluentes à saúde humana. Desta forma, a mensuração deste poluente é particularmente importante porque pode ser utilizada diretamente para estimar o impacto da PA ambiental sobre a saúde. Quando as medidas de $MP_{2,5}$ não estão disponíveis, elas poderão ser obtidas por conversão a partir dos níveis de MP_{10}. Este método de obtenção indireta dos níveis de $MP_{2,5}$ pode comprometer a acurácia dos resultados em razão de dificuldades na determinação dos fatores de conversão adequados. Assim, incentiva-se internacionalmente a adoção de tecnologia que permita a determinação direta dos níveis de $MP_{2,5}$ (*https://www.who.int/airpollution/ambient/interventions/en/*). A figura 2 permite uma comparação visual entre os níveis de MP_{10} em algumas das principais megacidades, assim chamadas por possuírem mais de 10 milhões de habitantes (Organização das Nações Unidas - ONU).

Figura 2 - Níveis anuais de MP_{10} nas megacidades no período de 2010 a 2016.



Fonte: *OMS - ambient (outdoor) air quality database Summary results, 2018.*

A Agência Americana de Proteção Ambiental (*Environmental Protection Agency - EPA)* é o órgão responsável pelo cálculo do índice de qualidade do ar (IQA). O IQA é calculado a partir das concentrações dos cinco maiores poluentes atmosféricos a saber: monóxido de carbono (CO), ozônio (O_3) ao nível do solo, MP, dióxido de enxofre (SO_2) e dióxido de nitrogênio (NO_2). A partir do cálculo do IQA, é possível estabelecer os níveis de PA que determinam riscos para a saúde humana e quais as populações mais sensíveis. O quadro 1 ilustra estes dados e mostra também a convenção de cores utilizada para facilitar a identificação dos níveis de PA. O IQA é utilizado para monitorar permanentemente e em tempo real a qualidade do ar a nível global nas cidades que têm sistemas de detecção de poluentes atmosféricos. As informações em tempo real estão disponíveis no site http://aqicn.org/map/world.

Quadro 1 – Escala de indexação da qualidade do ar utilizada para avaliar a poluição do ar em tempo real em várias cidades do mundo.

IQA	Nivel de poluição do ar	Efeitos à saúde
0-50	Bom	Qualidade do ar é satisfatória com pequeno ou nenhum risco à saúde
51-100	moderado	Qualidade do ar é aceitável; porém dependendo dos poluentes e para um pequeno número de pessoas especialmente sensíveis a poluição atmosférica poderá causar problemas de saúde.
101-150	Insalubre para grupos sensíveis	Grupos sensíveis poderão apresentar problemas de saúde. A população geral não será afetada.
151-200	Insalubre	Qualquer pessoa poderá apresentar problemas de saúde que serão mais graves nos grupos sensíveis.
201-300	Muito insalubre	Alerta para situações de emergência. Possibilidade de afetar toda a população.
>300	Perigoso	Sério risco a saúde de qualquer pessoa.

Fonte: http://waqi.info/

No Brasil, o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) é o órgão que determina os padrões de medição de qualidade do ar que servem de parâmetro para o controle da PA no país. Em publicação oficial recente datada de novembro de 2018 o Conama estabelece novos padrões de medição da qualidade do ar que deverão ser implementados em etapas progressivas sendo que a primeira etapa já está em vigor desde a data da publicação da resolução. O quadro 2 descreve esses novos parâmetros de acordo com as etapas progressivas de implementação. O quadro 3 apresenta os parâmetros de poluentes atmosféricos que delimitam os estados de atenção, alerta e emergência para a saúde humana.

Quadro 2 - Padrões de concentração máxima de poluentes atmosféricos em 24 horas a serem implementados em etapas progressivas de controle da poluição do ar no Brasil.

Poluente atmosférico	**[&]PI - Concentração (µg/m³ em 24h)**	**P2 - Concentração (µg/m³ em 24h)**	**P3 - Concentração (µg/m³ em 24h)**	**PF**
Material Particulado - MP_{10}	120	100	75	50
Material Particulado - $MP_{2,5}$	60	50	37	25
SO_2	125	50	30	20
Fumaça	120	100	75	50
CO	-	-	-	9*
Partículas totais em suspensão - PTS	-	-	240	-

SO_2 = dióxido de enxofre; MP10 = material particulado com diâmetro aerodinâmico equivalente de corte de 10 µm; $MP_{2,5}$ = material particulado com diâmetro aerodinâmico equivalente de corte de 2,5 µm; CO = monóxido de carbono.
*Padrão de CO é medido em período de 8h com base na máxima móvel obtida no dia; [&]Padrão intermediário – primeira etapa da implementação dos novos parâmetros estabelecidos pelo CONAMA. PF – Padrão final.
Fonte: CONAMA/2018.

Quadro 3 – Níveis de atenção, alerta e emergência para poluentes atmosféricos e suas concentrações.

Nível	SO^2 (µg/m³ - média de 24h)	MP_{10} (µg/m³ em 24h)	$MP_{2,5}$ (µg/m³ em 24h)	O^3 (µg/m³ - média móvel 8h)	NO^2 (µg/m³ - média de 1h)	CO - ppm (média móvel de 8h)
Atenção	800	250	125	15	200	15
Alerta	1600	420	210	30	400	30
Emergência	2100	500	250	40	600	40

SO2 = dióxido de enxofre; MP10 = material particulado com diâmetro aerodinâmico equivalente de corte de 10 µm; MP2,5 = material particulado com diâmetro aerodinâmico equivalente de corte de 2,5 µm; CO = monóxido de carbono; O3 = ozônio; NO2 = dióxido de nitrogênio µg/m3; ppm = partes por milhão.
Fonte: CONAMA/2018

As concentrações médias diárias anuais de $MP_{2,5}$ de Porto Alegre no período do estudo foram de 28,1 µg/m^3. A composição química do material particulado ($MP_{2,5}$) incluiu elementos traço tóxicos – alumínio, chumbo, vanádio e níquel, bem como nitratos e sulfatos.

1.2 Poluição atmosférica e saúde humana

Estudos pioneiros datados do século passado já apontavam a PA como causadora de doenças respiratórias. O estudo de Pope (1989) cita na sua introdução a modificação dos parâmetros de poluição atmosférica máxima pela EPA em razão de evidências crescentes correlacionando o aumento das concentrações de MP com a redução da função pulmonar em crianças, o aumento do risco de bronquite e de outras doenças respiratórias. Outros estudos, em outros países, que avaliaram a saúde respiratória da população pediátrica na presença de diferentes graus de poluição atmosférica, chegaram a conclusões semelhantes. O estudo de Heinrich *et al.* (2002) demonstrou uma redução na prevalência de sintomas respiratórios não-alérgicos em crianças em idade escolar após a reunificação das Alemanhas em razão do declínio no MP total em suspensão e nas emissões de dióxido de enxofre secundários à combustão. Bayer-Oglesby (2005) encontrou redução na frequência de sintomas respiratórios de crianças em áreas da Suíça durante períodos de redução moderada da PA. O mesmo estudo demonstrou a correlação entre a presença de MP com diâmetro aerodinâmico igual ou inferior a 10 micrometros (MP_{10}), originário de uma fábrica de aço na região de Utah e um aumento na incidência de doenças respiratórias na população adulta e pediátrica, mesmo quando a concentração de MP_{10} permanecia igual ou inferior aos níveis máximos estipulados pela agência de proteção ambiental. Um achado interessante desse estudo foi a ausência de um limiar de concentração de MP_{10} para desencadeamento de efeitos tóxicos já que os autores observaram benefícios mesmo com reduções pequenas nessas concentrações e em ambientes moderadamente poluídos.

A partir destes dados pioneiros, as pesquisas têm se multiplicado no sentido de estabelecer uma relação de causa e efeito entre a PA, doenças respiratórias e mortalidade por diferentes causas. Recentemente, identificou-se uma associação entre a exposição crônica a ozônio e um aumento da mortalidade na população portadora de doença crônica das vias aéreas inferiores como asma e doença pulmonar obstrutiva crônica (Hao *et al.*, 2015). O grupo ESCAPE (*European Study of Cohorts for Air Pollution Effects*) concluiu que a exposição crônica a $MP_{2,5}$ associou-se a aumento do risco de morte por causas naturais mesmo em concentrações atmosféricas inferiores aos valores de limite médio anual europeu (Beelen *et al.,* 2014). Resultados semelhantes foram obtidos com o estudo de uma grande coorte americana seguida por 12 anos, envolvendo uma população de quase 70 milhões de pessoas (Di *et al*., 2017). Os achados destes autores revelaram que a população de condição socioeconômica inferior exposta durante longo período a $MP_{2.5}$ e ozônio apresentou risco aumentado de morte mesmo em concentrações de $MP_{2.5}$ inferiores aos níveis anuais propostos pelo órgão regulador da qualidade do ar. Os efeitos da exposição ao $MP_{2.5}$ também se revelaram mais acentuados no sexo masculino e nos afro-americanos.

As primeiras evidências do efeito da PA sobre o sistema nervoso central (SNC) foram aquelas fornecidas pelo estudo de Zhang *et al.* (1988) que estabeleceu um aumento no risco de acidente vascular encefálico em uma coorte exposta cronicamente a fumaça de carvão. Desde então, a correlação entre PA e doença cerebrovascular tem sido progressivamente identificada em vários trabalhos que atribuem um papel significativo e independente da PA no aumento da incidência de eventos cerebrovasculares isquêmicos (Hong *et al.,* 2002; Lisabeth *et al.,* 2008). A apoptose neuronal secundária ao estresse oxidativo (EO) gerado no tecido neural tem implicado a PA na fisiopatologia dos acidentes vasculares cerebrais e de diversas doenças neurodegenerativas crônicas incluindo doença de Parkinson e esclerose lateral amiotrófica (Becker & Bonni, 2004).

Dados epidemiológicos atuais demonstram o papel toxicológico dos constituintes da PA como as partículas ultrafinas na indução de respostas inflamatórias e pró-trombóticas no organismo humano resultando na promoção de aterosclerose, trombogênese e doença cérebrovascular e cardiovascular (Schulz *et al.,* 2005). Maheswaran *et al.* (2012) conduziram uma coorte retrospectiva de pacientes residentes em comunidades londrinas que sobreviveram ao primeiro episódio de acidente vascular hemorrágico ou isquêmico entre 1995 e 2005 com o objetivo de estudar se a exposição à PA afetaria a mortalidade a longo prazo. Estes autores encontraram que cada 10 $\mu g/m^3$ de incremento na exposição a NO_2 e MP_{10} correspondeu a um aumento na mortalidade de 28% e 52%, respectivamente.

As doenças neurodegenerativas como a doença de Alzheimer e a doença de Parkinson ocorrem predominantemente de forma esporádica sem um claro envolvimento de fatores genéticos. Fatores ambientais como a PA têm sido apontados como corresponsáveis na patogênese destas doenças e o envelhecimento é o principal fator de risco para ambas (Heusinkveld *et al.,* 2016). Do ponto de vista neuropatologico, ambas são caracterizadas pela presença de depósitos de proteína no tecido cerebral como as bandas neurofibrilares, agregados intracelulares contendo proteínas tau hiperfosforiladas, e placas senis que consistem principalmente de peptídeo amiloide β (peptídeo Aβ) na doença de Alzheimer (Selkoe, 2001). Na doença de Parkinson, inclusões proteicas de agregados de α-sinucleina, os chamados corpos de Lewy, predominam na substância negra. A presença destas proteínas anormais associa-se à perda de função, morte neuronal e degeneração do tecido nervoso (Selkoe, 2001). Uma revisão recente sobre fatores de risco ambientais para demência classifica como moderada a forte a força das evidências de participação de fatores relacionados à PA (Killin *et al.,* 2016).

Além das doenças neurodegenerativas citadas, a PA é considerada fator de risco para o desenvolvimento neurológico normal. Estudos epidemiológicos e experimentais sugerem que indivíduos jovens são particularmente sensíveis (Calderón-Garcidueñas *et al.,* 2008, 2011). Crianças e adolescentes expostos a diferentes níveis de PA apresentaram comprometimento cognitivo (Calderón-

Garcidueñas *et al.,* 2008, 2011; Sunyer *et al.,* 2008), hiperatividade e déficit atencional (Newman *et al.,* 2013, Kicinski *et al.,* 2015). Evidências recentes têm identificado uma associação entre os transtornos do espectro autista e a exposição gestacional e na infância precoce a PA derivada do trafego. Os resultados do seguimento dessas coortes demonstraram que a exposição a PA particularmente no terceiro trimestre da gestação apresenta uma forte correlação positiva com a incidência de transtornos do espectro autista (Raz *et al.,* 2015).

1.3 Mecanismos de neurotoxicidade da poluição atmosférica

O MP e as substâncias adsorvidas na sua superfície podem ter acesso ao cérebro através dos pulmões e da circulação sistêmica, determinando quebra da barreira hemato-encefálica (BHE), ou pela via olfatória através do bulbo olfatório.

Os pulmões têm a maior área exposta do corpo ao ambiente externo e são ricamente vascularizados servindo como ampla porta de entrada aos elementos que compõem a PA. Através deles, o MP desencadeará a geração de estressores metabólicos (biomoléculas oxidadas e seus produtos de degradação e citocinas pro-inflamatórias) (Gomez-Mejiba *et al.* 2009) que interagirão com diferentes receptores em diferentes tecidos incluindo o tecido neural. O $MP_{2,5}$ e o $MP_{0,1}$ estão predominantemente envolvidos na neuroinflamação e no estresse oxidativo neuronal (Calderón-Garcidueñas *et al.,* 2001, 2002, 2003, 2004, 2008; Gomez-Mejiba *et al.,* 2009; Oberdörster *et al.,* 2005a, 2005b; Oberdörster & Utell, 2002; Peters *et al.,* 2006). Estas partículas são inaladas e induzem toxicidade aguda nos pulmões e tecido cardiovascular e, penetrando a barreira alveolar, ganham a circulação sistêmica e o SNC. A inflamação pulmonar persistente em decorrência da deposição repetida das partículas finas e ultrafinas nos alvéolos pulmonares e a degeneração dos epitélios nasal e do trato respiratório acarretam a liberação de citocinas, como interleucinas 6 (IL-6), 1β (IL-1β) e fator de necrose tumoral alfa (TNFα) na circulação sistêmica. Estes mediadores inflamatórios ativam os receptores do endotélio vascular da BHE tornando-a mais permeável (Calderón-Garcidueñas *et al.*, 2008; Sunyer, 2008) o que por sua vez facilita a entrada de mediadores inflamatórios, espécies reativas de oxigênio (ERO) e de nitrogênio (ERN) e outras substâncias nocivas cujo acesso ao SNC é normalmente bloqueado pela BHE. Embora a BHE intacta seja capaz de impedir a entrada da grande maioria dos xenobióticos ao SNC, uma pequena porção tem acesso através de difusão ou transporte ativo mediado pela existência de proteínas e receptores na membrana celular. Nanopartículas podem danificar as células endoteliais, romper a BHE e reduzir a viabilidade das células endoteliais da microvasculatura cerebral através de modificações no potencial da membrana mitocondrial e redução na expressão das proteínas das *tight-junctions* endoteliais (Oppenheim *et al.,* 2013).

O bulbo olfatório constitui outra importante porta de entrada para o MP que é inicialmente capturado pelas terminações nervosas sensoriais do epitélio da cavidade nasal e, em seguida, por translocação axonal, atinge estruturas do SNC (Ajmani *et al.,* 2016). Estudos *post-mortem* mostraram aumento da expressão de marcadores inflamatórios no córtex pré-frontal, hipocampo e bulbo olfatório de crianças, adolescentes e adultos jovens expostos à PA urbana (Calderón-Garcidueñas *et al.,* 2004). Outras evidencias sugerem que partículas finas sejam capazes de se acumular nos bulbos olfatórios de pessoas expostas a elevados níveis de poluentes atmosféricos, incluindo MP e metais pesados desencadeando processos de inflamação local e dano neuronal (Calderón-Garcidueñas *et al.,* 2013).

A presença de MP no SNC induz EO e neuroinflamação *in loco* que são os principais mecanismos potencialmente geradores de lesão neural. A neuroinflamação, desencadeada através da ativação de vias como a c-Jun N-terminal kinase (JNK)t e a via do fator de transcrição nuclear kappa-b (NF-κB), produtora de citocinas, quimiocinas e ERO resulta em agregação proteica aberrante, comprometimento da neurotransmissão e da sinalização neurotrofica, remodelamento neuronal e neurodegeneração (Teeling *et al.*, 2009). O EO resulta de reações metabólicas que usam o oxigênio e representa um desequilíbrio entre as reações oxidativas e as defesas antioxidantes no organismo vivo (Valko *et al.,* 2007). As ERO embora sejam produtos normais do metabolismo celular e, em concentrações moderadas façam parte da resposta celular fisiológica ao dano, podem produzir EO em concentrações elevadas. O dano celular gerado pelo EO leva a apoptose por destruição dos componentes celulares incluindo lipídios, proteínas e ácidos nucleicos (Becker & Bonni, 2004). Sendo o encéfalo rico em ácidos graxos poli-insaturados e proteína e pobre em defesas antioxidantes, é fácil concluir pela elevada susceptibilidade do tecido neural ao efeito do EO. Um dos mecanismos pelo qual o EO determina dano celular acontece através de modificações no retículo endoplasmático. Esta organela intracelular é o principal local de síntese e enovelamento de proteínas, armazenamento e sinalização de cálcio e biossíntese de lipídeos. Consequentemente, os papeis fisiológicos do retículo endoplasmático incluem modulação de proteínas e homeostasia do cálcio intracelular. Entretanto, o retículo endoplasmático é sensível a dano oxidativo e a perturbações da homeostasia celular e, sob condições de estresse excessivo, pode iniciar o processo de apoptose celular de forma independente de outros mecanismos de sinalização (Rao *et al.,* 2004). As consequências desses desequilíbrios expressadas no aumento de marcadores de EO e de neuroinflamação, bem como deposição de proteína precursora amilóide secundários a ação da microglia ativada foram detectados em estudos *post-mortem* do tecido cerebral de indivíduos expostos (Block & Calderón-Garcidueñas, 2009; Calderón-Garcidueñas *et al.*, 2008, 2011).

1.4 Períodos críticos do desenvolvimento do sistema nervoso central e toxicologia ambiental

O processo de construção do SNC é determinado por diferentes estágios de desenvolvimento da expressão gênica, atividade neuronal intrínseca e de sinais moleculares que o orientam. Todos esses estágios estão sujeitos, por sua vez, à influência de fatores externos ao SNC como o ambiente materno durante o período embrionário. A limitação temporal dos estágios de desenvolvimento para migração neuronal, formação de circuitos neuronais e refinamento sináptico determina períodos críticos ou sensíveis que são janelas de tempo no desenvolvimento onde o processo é mais sujeito a mudanças. Em outras palavras, durante essas janelas, a plasticidade de fenótipos fisiológicos ou comportamentais está aumentada comparativamente aos outros estágios. O conhecimento desses períodos fornece uma rede de mapeamento das janelas de tempo para grandes mudanças e plasticidade cerebral durante o desenvolvimento normal e também sinaliza e particulariza os momentos de maior vulnerabilidade (Meredith, 2015).

A utilização do cérebro de roedores como modelo de sistema de desenvolvimento tem evidenciado a existência de períodos críticos e sensíveis pré e pós-natais e possibilitado a comparação com o que se observa no cérebro de primatas (Meredith, 2015). Entretanto, para possibilitar estudos translacionais de humanos a partir de modelos de roedores, é necessária a validação das informações para que se possa comparar períodos críticos similares entre as espécies. Esta comparação interespécies baseia-se em um grupo de indicadores que inclui: crescimento global do cérebro, momento da neurogênese e gliogênese, biomarcadores da migração neuronal e da formação sináptica (Semple *et al.,* 2013). O quadro 4 apresenta de forma resumida uma comparação entre o cérebro de roedores e humanos com relação aos períodos críticos de desenvolvimento macro e microscópico.

Quadro 4 - Resumo dos principais passos e processos de desenvolvimento cerebral com equivalência de idades em humanos e roedores (modificado de Semple et al., 2013).

PND – *pos-natal day* BHE – barreira hematoencefálica NT – Neurotransmissores.

Humano	Roedor	Marcos de desenvolvimento
23-32 semanas IG (pré-termo)	*PND 1-3	- Predomínio de oligodendrócitos mitoticamente ativos - Desenvolvimento do sistema imune - Estabelecimento da BHE
36-40 semana IG (termo)	PND 7-10	- Pico de desenvolvimento cerebral - Pico da gliogênese - Aumento da densidade axonal e dendrítica - Oligodendrócitos imaturos - Consolidação do sistema imune
2-3 anos de idade	PND 20-21	- Peso cerebral = 90-95% do adulto - Densidade sináptica > adulto - Pico da mielinização - Modificações nos NT e receptores.
4-11 anos de idade	PND 25-35	- Maturação do córtex pré-frontal - Espessura máxima cortical e da substância cinzenta
12-18 anos de idade	PND 35-49	- Redução da densidade sináptica com platô no adulto - Mielinização, aumento do volume da substância branca, refinamento da circuitaria cognitiva
20 anos	PND ≥ 60	- Níveis maduros de sinapses e neurotransmissores. - Mielinização em andamento, declínio da substância cinzenta.

O conceito de períodos sensíveis ou críticos de desenvolvimento cerebral tem sido usado na tentativa de elucidar os mecanismos fisiopatológicos envolvidos na gênese dos transtornos do desenvolvimento neuropsicomotor como os transtornos do espectro autista e da esquizofrenia (Meredith, 2015; Cattane *et al.,* 2018). A exposição pré-natal a condições que promovem EO e/ou neuroinflamação figura entre uma multiplicidade de fatores passíveis de determinar desequilíbrios na sequência normal de eventos desses períodos. Neste sentido, o envolvimento da PA na gênese dos transtornos do desenvolvimento do SNC tem sido apontado em alguns estudos clínicos. Calderon-Garcidueñas *et al.,* (2008, 2013) encontraram comprometimento cognitivo e um aumento importante de alguns mediadores inflamatórios no liquido cefalorraquidiano de crianças residentes em zona da cidade do México densamente poluída em comparação com crianças moradoras em região de baixo índice de PA. Outros estudos atribuíram atrasos no neurodesenvolvimento de crianças expostas à PA no período pré-natal (Yorifuji *et al.,* 2016).

Estudos *in vitro* com exposição de células tronco pluripotentes neuroepiteliais a altas concentrações de dexametasona promoveram aumento das concentrações intracelulares de ERO e *down-regulation* na expressão de enzimas antioxidantes em células nunca expostas diretamente ao corticoide. O desequilíbrio intracelular induzido pelas ERO associou-se com redução da diferenciação neuronal e de outros marcadores neuronais sugerindo um papel do EO no comprometimento dos processos precoces de diferenciação neuronal (Raciti *et al.,* 2016). Consequentemente, disfunção do sistema antioxidante e geração descontrolada de ERO podem prejudicar o desenvolvimento do SNC e resultar em predisposição para doenças neurológicas e psiquiátricas. Por outro lado, EO está fortemente ligado a inflamação em razão de que múltiplos mediadores inflamatórios são ativados pelas ERO enquanto que células ativadas imunes, como a microglia, geram ERO e ERN. A exposição pré-natal à PA constituída de partículas de escapamento de diesel induziu citocinas inflamatórias, modificação da morfologia microglial e alterações do volume cortical e número de neurônios de camundongos machos (Bolton *et al.,* 2017). A importância do EO no desencadeamento da ativação imune pré-natal é reforçada pelo fato de que a administração de N-acetilcisteina, um poderoso antioxidante, a camundongos prenhes protegeu a prole contra os efeitos nocivos como a hipomielinização, o comprometimento cognitivo e dos processos neuroplásticos induzidos pela administração pré-natal de lipopolissacarídeos (Lantè *et al.,* 2008).

O desenvolvimento da BHE é outro elemento importante a considerar quando se trata do acesso de xenobióticos ao SNC particularmente em fases precoces e sensíveis de desenvolvimento embrionário ou mesmo pós-natal. A BHE é um complexo de células altamente especializado responsável pela proteção do tecido nervoso, controle bidirecional do transporte de fluidos, macromoléculas exógenas e endógenas, tráfego de células imunes e progenitoras, primariamente, ao nível dos capilares cerebrais (Osipova *et al.,* 2018). A BHE está estabelecida e funcionante durante a embriogênese nos roedores e nos humanos e é regulada pelas interações das células endoteliais com pericitos (Semple *et al.,* 2013). Entretanto, ainda há um entendimento incompleto sobre as respostas idade-dependentes da BHE a injúrias como a isquemia neonatal. A integridade estrutural da BHE em ratos em geral é atingida na idade de 21 dias Pn, quando ocorre o desmame. Nos humanos, os dados mais definitivos estabelecem a idade de 6 meses após o nascimento para redução completa da permeabilidade a proteínas e fluoresceína (Mortuza *et al.,* 2019) o que provavelmente traduz um processo completo de maturação.

1.5. Modelos experimentais para estudo dos efeitos da exposição à poluição atmosférica

O desenvolvimento de modelos experimentais para o estudo dos efeitos da PA sobre a saúde dos seres vivos é relativamente recente e tem sofrido aprimoramentos ao longo do tempo. De uma forma geral os modelos podem ser classificados em modelos *in vitro* que utilizam células em cultivo e modelos *in vivo* que recorrem à exposição de animais à PA através de diferentes métodos como a instilação intratraqueal e intranasal, a exposição a concentrado de partículas, ao ar livre ou em câmaras de exposição.

1.5.1 Modelos *in vitro:*

O estudo dos efeitos da PA *in vitro* através de cultivo e exposição de células originadas de múltiplos tecidos como do epitélio brônquico humano, do sistema imunológico e do SNC tem sido empregado em diversos estudos (Becker *et al.,* 2005; Fagundes *et al.,* 2015; Cho *et al.,* 2018). Este tipo de estudo constitui ferramenta útil para fornecer informações de forma relativamente rápida, com vantagens adicionais em termos de custos e operabilidade. Entretanto, exige que as células sejam retiradas do seu meio biológico, em sua maioria, comprometendo a interação com células vizinhas. Essa característica priva os modelos *in vitro* de espelhar o contexto biológico da exposição do organismo por inteiro.

1.5.2 Modelos *in vivo:*

A aspiração ou instilação de substâncias para os pulmões pelas vias intratraqueal ou intranasal têm sido empregadas, experimentalmente, na investigação dos efeitos do MP sobre a saúde. A via intranasal requer a instilação com auxílio de micropipetas de um volume reduzido de uma suspensão de partículas em concentração previamente conhecida. A instilação provoca o reflexo de apneia seguido de inspiração profunda o que propulsiona o líquido para o interior dos pulmões e para o SNC através do bulbo olfatório (Zanchi *et al.,* 2008, 2010; Medeiros *et al.,* 2004; Antonini *et al.,* 2002). Por outro lado, a via intratraqueal requer sedação para evitar a tosse e as partículas em solução são instiladas através de canulação traqueal. Uma revisão das técnicas, indicações, vantagens e desvantagens do uso da via intratraqueal para administração de drogas é oferecida no trabalho de Driscoll *et al.* (2000). Entre as vantagens das técnicas estão o baixo custo e a fácil execução. Entre as limitações podemos citar: perda de parte da suspensão no momento da instilação intranasal ou por reflexo de tosse na via intratraqueal; a quantidade de solução instilada é limitada e a frequência deve ser monitorada pelo risco de edema pulmonar nos animais principalmente quando utilizada a via intratraqueal; comprometimento da precisão dos resultados porque não reproduzem com fidelidade a exposição aos níveis ambientais de PA, embora possam ser relevantes para estudos de exposição ocupacional ou mesmo ambiental. Os desfechos de estudos que utilizam instilação ou inalação podem diferir principalmente na dependência do tempo de exposição e eventualmente alguma variação temporal de distribuição dependendo do calibre da via respiratória, o que deverá ser considerado na análise dos resultados.

O estudo dos efeitos da PA sobre os organismos vivos também pode ser feito através da exposição dos mesmos ao ar livre ou através de câmaras de exposição que exigem suporte técnico e manutenção. Estes métodos reproduzem com maior precisão a fisiopatogenia das alterações induzidas pela PA nos diferentes tecidos. Entretanto, com a exposição ao ar livre, uma amostragem homogênea é mais difícil de se obter em razão de fatores como as diferenças de concentrações de MP determinadas pelo clima, altitude, latitude, entre outros. Entre os trabalhos descritos que utilizaram este método destacam-se os de Calderon-Garcidueñas *et al.* (2002) que estudaram cães expostos ao ar livre da cidade do México com altos níveis de PA comparativamente a cães moradores da cidade mexicana de Taxcala com baixos níveis de PA.

Câmaras de exposição à PA foram construídas com o objetivo de reduzir os custos experimentais e o tempo necessário para a obtenção de resultados comprometendo ao mínimo a validade dos mesmos. A técnica de exposição através dessas câmaras permite expor os animais aos níveis reais de PA, bem como a um ambiente com ar filtrado em função dos diferentes tipos de filtros que podem ser acoplados ao sistema. As câmaras de exposição permitem que os animais não fiquem isolados durante a exposição e permaneçam alojados em suas gaiolas de origem sem interferência com ciclo circadiano e alimentação. Outra vantagem do método é o fato de que os animais não necessitam de sedação ou treinamento. O tempo de exposição pode ser adaptado ao delineamento do estudo e pode se estender por meses (Shang & Sun, 2019).

O concentrador de partículas é outra forma de exposição à PA descrita por Sioutas *et al.* (1995). Atualmente, este método é empregado pelos laboratórios de pesquisa americanos e da cidade de São Paulo (Fonken *et al.,* 2011; de Brito *et al.,* 2014). O sistema de exposição mais representativo que pode gerar os desfechos mais produtivos é o que utiliza o princípio do crescimento por condensação de partículas ambientais submetidas ao impactador virtual de forma a concentrar o aerossol e remover as partículas com diâmetro aerodinâmico maior do que 2,5 μm e concentrar o aerossol restante através de técnicas de separação por inercia. A exposição ao aerossol final mimetiza a exposição ambiental real de todo o organismo a PA. A utilização de concentrador de partículas apresenta vantagens similares às descritas para as câmaras de exposição com a vantagem de redução do tempo de experimento sem comprometimento dos resultados. Por outro lado, a principal desvantagem é custo elevado dos equipamentos.

2. Justificativa

As evidências apontam para o envolvimento da PA, através de múltiplos mecanismos, na fisiopatologia de doenças neurodegenerativas que levam a perda de neurônios no SNC. Desconhecemos, até o momento, estudos que demonstrem objetivamente uma relação direta entre a exposição à PA em diferentes estágios de vida e possíveis alterações morfológicas e bioquímicas em diferentes regiões cerebrais. Tampouco é do nosso conhecimento que estudos prévios tenham determinado a influência da troca de ambientes (poluído e não poluído) sobre essas alterações. Assim, justifica-se a realização de um estudo com enfoque nos aspectos morfológicos e bioquímicos do tecido neural de animais aventando a hipótese de uma correlação entre a exposição à PA, troca de ambiente atmosférico em fase precoce de desenvolvimento pós-natal e os aspectos supracitados.

Ainda, como apontado por Calderon-Garcidueñas (2017) por ocasião de comentário de publicação previa (Chen *et al*., 2017), tem havido progresso modesto no entendimento da patogênese das doenças neurodegenerativas e é urgente que se desenvolvam paradigmas que integrem os níveis celular e molecular com o indivíduo e as alterações epigenéticas induzidas pelo ambiente.

3. Referências

Ajmani GS, Suh HH, Pinto JM. Effects of Ambient Air Pollution Exposure on Olfaction: A Review. Environ Health Perspect. 2016;124(11):1683-93.

Antonini JM, Roberts JR, Jernigan MR, Yang HM, Ma JY, Clarke RW. Residual oil fly ash increases the susceptibility to infection and severely damages the lungs after pulmonary challenge with a bacterial pathogen. Toxicol Sci. 2002;70(1):110-9.

Bayer-Oglesby L, Grize L, Gassner M, Takken-Sahli K, Sennhauser FH, Neu U, et al. Decline of ambient air pollution levels and improved respiratory health in Swiss children. Environ Health Perspect. 2005;113(11):1632-7.

Becker S, Mundandhara S, Devlin RB, Madden M. Regulation of cytokine production in human alveolar macrophages and airway epithelial cells in response to ambient air pollution particles: further mechanistic studies. Toxicol Appl Pharmacol. 2005;207(2 Suppl):269-75.

Becker EB, Bonni A. Cell cycle regulation of neuronal apoptosis in development and disease. Prog Neurobiol. 2004;72(1):1-25.

Beelen R, Stafoggia M, Raaschou-Nielsen O, Andersen ZJ, Xun WW, Katsouyanni K, et al. Long-term exposure to air pollution and cardiovascular mortality: an analysis of 22 European cohorts. Epidemiology. 2014;25(3):368-78.

Block ML, Calderón-Garcidueñas L. Air pollution: mechanisms of neuroinflammation and CNS disease. Trends in neuroscience 2009;32 (9):506-16.

Bolton JL, Marinero S, Hassanzadeh T, Natesan D, Le D, Belliveau C, et al. Gestational Exposure to Air Pollution Alters Cortical Volume, Microglial Morphology, and Microglia-Neuron Interactions in a Sex-Specific Manner. Front Synaptic Neurosci. 2017;31; 9:10.

Calderón-Garcidueñas L, Valencia-Salazar G, Rodríguez-Alcaraz A, Gambling TM, García R, Osnaya N, et al. Ultrastructural nasal pathology in children chronically and sequentially exposed to air pollutants. Am J Respir Cell Mol Biol. 2001;24(2):132-8.

Calderón-Garcidueñas L, Azzarelli B, Acuna H, Garcia R, Gambling TM, Osnaya N, et al. Air pollution and brain damage. Toxicol Pathol. 2002;30(3):373-89.

Calderón-Garcidueñas L, Maronpot RR, Torres-Jardon R, Henríquez-Roldán C,Schoonhoven R, Acuña-Ayala H. DNA damage in nasal and brain tissues of canines exposed to air pollutants is associated with evidence of chronic brain inflammation and neurodegeneration. Toxicol Pathol 2003;31(5):524-38.

Calderón-Garcidueñas L, Reed W, Maronpot RR, Henríquez-Roldán C, Delgado-Chavez R, Calderón-Garcidueñas A, et al. Brain inflammation and Alzheimer's-like pathology in individuals exposed to severe air pollution. Toxicol Pathol. 2004;32:650-8.

Calderón-Garcidueñas L, Solt AC, Henríquez-Roldán C, Torres-Jardón R, Nuse B, Herritt L, et al. Long-term air pollution exposure is associated with neuroinflammation, an altered innate imune response, disruption of the blood-brain barrier, ultrafine particulate deposition, and accumulation of amyloid beta-42 and alpha-synuclein in children and young adults. Toxicol Pathol. 2008;36(2):289-310.

Calderón-Garcidueñas L, Engle R, Mora-Tiscareño A, Styner M, Gómez-Garza G, Zhu H, et al. Exposure to severe urban air pollution influences cognitive outcomes, brain volume and systemic inflammation in clinically healthy children. Brain Cogn. 2011;77(3):345-55.

Calderón-Garcidueñas L, Serrano-Sierra A, Torres-Jardón R, Zhu H, Yuan Y, Smith D, et al. The impact of environmental metals in young urbanites' brains. Exp Toxicol Pathol. 2013;65(5):503-11.

Calderón-Garcidueñas L, Villarreal-Ríos R. Living close to heavy traffic roads, air pollution, and dementia. Lancet. 2017;18;389:675-7.

Cattane N, Richetto J, Cattaneo A. Prenatal exposure to environmental insults and enhanced risk of developing Schizophrenia and Autism Spectrum Disorder: focus on biological pathways and epigenetic mechanisms. Neurosci Biobehav Rev. 2018;S0149-7634(17)30972-7.

Chen H, Kwong JC, Copes R, Tu K, Villeneuve PJ, van Donkelaar A, et al. Living near major roads and the incidence of dementia, Parkinson's disease, and multiple sclerosis: a population-based cohort study. Lancet. 2017;18;389(10070):718-726.

Cho CC, Hsieh WY, Tsai CH, Chen CY, Chang HF, Lin CS. In Vitro and In Vivo Experimental Studies of PM(2.5) on Disease Progression. Int J Environ Res Public Health. 2018;15(7):1-26.

de Brito JM, Macchione M, Yoshizaki K, Toledo-Arruda AC, Saraiva-Romanholo BM, Andrade M de F, et al. Acute cardiopulmonary effects induced by the inhalation of concentrated ambient particles during seasonal variation in the city of São Paulo. J Appl Physiol. 2014;117(5):492-9.

Di Q, Wang Y, Zanobetti A, Wang Y, Koutrakis P, Choirat C, et al. Air Pollution and Mortality in the Medicare Population. N Engl J Med. 2017 29;376(26):2513-22.

Driscoll KE, Costa DL, Hatch G, Henderson R, Oberdorster G, Salem H, et al. Intratracheal instillation as an exposure technique for the evaluation of respiratory tract toxicity: uses and limitations. Toxicol Sci. 2000;55(1):24-35.

Fagundes LS, Fleck Ada S, Zanchi AC, Saldiva PH, Rhoden CR. Direct contact with particulate matter increases oxidative stress in different brain structures. Inhal Toxicol. 2015;27(10):462-7.

Fonken LK, Xu X, Weil ZM, Chen G, Sun Q, Rajagopalan S, et al. Air pollution impairs cognition, provokes depressive-like behaviors and alters hippocampal cytokine expression and morphology. Mol Psychiatry. 2011;6(10):987-95, 973.

Gomez-Mejiba SE, Zhai Z, Akram H, Pye QN, Hensley K, Kurien BT, et al. Inhalation of environmental stressors & chronic inflammation: autoimmunity and neurodegeneration. Mutat Res. 2009;674(1-2):62-72.

Hao Y, Balluz L, Strosnider H, Wen XJ, Li C, Qualters JR. Ozone, Fine Particulate Matter, and Chronic Lower Respiratory Disease Mortality in the United States. Am J Respir Crit Care Med. 2015 1;192(3):337-41.

Heinrich J, Hoelscher B, Frye C, Meyer I, Pitz M, Cyrys J, et al. Improved air quality in reunified Germany and decreases in respiratory symptoms. Epidemiology. 2002;13(4):394-401.

Heusinkveld HJ, Wahle T, Campbell A, Westerink RHS, Tran L, Johnston H, et al. Neurodegenerative and neurological disorders by small inhaled particles. Neurotoxicology. 2016;56:94-106.

Hong YC, Lee JT, Kim H, Kwon HJ. Air pollution: a new risk factor in ischemic stroke mortality. Stroke. 2002;33(9):2165-9.

Kicinski M, Vermeir G, Van Larebeke N, Den Hond E, Schoeters G, Bruckers L, et al. Neurobehavioral performance in adolescents is inversely associated with traffic exposure. Environ Int. 2015;75:136-43.

Killin LO, Starr JM, Shiue IJ, Russ TC. Environmental risk factors for dementia: a systematic review. BMC Geriatr. 2016;12;16(1):175.

Lisabeth LD, Escobar JD, Dvonch JT, Sánchez BN, Majersik JJ, Brown DL, et al. Ambient air pollution and risk for ischemic stroke and transient ischemic attack. Ann Neurol. 2008;64(1):53-9.

Maheswaran R, Pearson T, Smeeton NC, Beevers SD, Campbell MJ, Wolfe CD. Outdoor air pollution and incidence of ischemic and hemorrhagic stroke: a small-area level ecological study. Stroke. 2012; 43(1):22-7.

Medeiros N Jr, Rivero DH, Kasahara DI, Saiki M, Godleski JJ, Koutrakis P, et al. Acute pulmonary and hematological effects of two types of particle surrogates are influenced by their elemental composition. Environ Res. 2004;95(1):62-70.

Meredith RM. Sensitive and critical periods during neurotypical and aberrant neurodevelopment: a framework for neurodevelopmental disorders. Neurosci Biobehav Rev. 2015;50:180-8.

Mortuza TB, Edwards GL, White CA, Patel V, Cummings BS, Bruckner JV. Age Dependency of Blood-Brain Barrier Penetration by cis- and trans-Permethrin in the Rat. Drug Metab Dispos. 2019;47(3):234-7.

Newman NC, Ryan P, Lemasters G, Levin L, Bernstein D, Hershey GK, et al. Traffic-related air pollution exposure in the first year of life and behavioral scores at 7 years of age. Environ Health Perspect. 2013;121(6):731-6.

Oberdörster G, Utell MJ. Ultrafine particles in the urban air: to the respiratory tract – and beyond? Environ. Health Perspect. 2002;110 (8): A440-A441.

Oberdörster G, Maynard A, Donaldson K, Castranova V, Fitzpatrick J, Ausman K, et al. Principles for characterizing the potential human health effects from exposure to nanomaterials: elements of a screening strategy. Part Fibre Toxicol. 2005a;6; 2:8.

Oberdörster G, Oberdörster E, Oberörster J. Nanotoxicology: an emerging discipline evolving from studies of ultrafine particles. Environ. Health Perspect. 2005b;113 (7):823-39.

Oppenheim HA, Lucero J, Guyot AC, Herbert LM, McDonald JD, Mabondzo A, et al. Exposure to vehicle emissions results in altered blood brain barrier permeability and expression of matrix metalloproteinases and tight junction proteins in mice. Part Fibre Toxicol. 2013;17; 10:62.

Osipova ED, Komleva YK, Morgun AV, Lopatina OL, Panina YA, Olovyannikova RY, et al. Designing in vitro Blood-Brain Barrier Models Reproducing Alterations in Brain Aging. Front Aging Neurosci. 2018;6; 10:234.

Peters A, Veronesi B, Calderón-Garcidueñas L, Gehr P, Chen LC, Geiser M, et al. Translocation and potential neurological effects of fine and ultrafine particles a critical update. Part Fibre Toxicol. 2006;8; 3:13.

Pope CA 3rd, Schwartz J, Ransom MR. Daily mortality and PM10 pollution in Utah Valley. Arch Environ Health. 1992;47(3):211-7.

Raciti M, Ong J, Weis L, Edoff K, Battagli C, Falk A, et al. Glucocorticoids alter neuronal differentiation of human neuroepithelial-like cells by inducing long-lasting changes in the reactive oxygen species balance. Neuropharmacology. 2016;107:422-31.

Rao RV, Ellerby HM, Bredesen DE. Coupling endoplasmic reticulum stress to the cell death program. Cell Death Differ. 2004;11(4):372-80.

Raz R, Roberts AL, Lyall K, Hart JE, Just AC, Laden F, et al. Autism spectrum disorder and particulate matter air pollution before, during, and after pregnancy: a nested case-control analysis within the Nurses' Health Study II Cohort. Environ Health Perspect. 2015;123(3):264-70.

Selkoe DJ. Alzheimer's disease: genes, proteins, and therapy. Physiol Rev. 2001;81(2):741-66.

Semple BD, Blomgren K, Gimlin K, Ferriero DM, Noble-Haeusslein LJ. Brain development in rodents and humans: Identifying benchmarks of maturation and vulnerability to injury across species. Prog Neurobiol. 2013;106-107:1-16.

Schulz H, Harder V, Ibald-Mulli A, Khandoga A, Koenig W, Krombach F, et al. Cardiovascular effects of fine and ultrafine particles. J Aerosol Med. 2005;18(1):1-22.

Shang Y, Sun Q. Particulate air pollution: Major research methods and applications in animal models. Environ Dis. 2019;3(3):57-62.

Sioutas C, Koutrakis P, Burton RM. A technique to expose animals to concentrated fine ambient aerosols. Environ Health Perspect. 1995;103(2):172-7.

Sunyer J. The neurological effects of air pollution in children. Eur Respir J. 2008;32(3):535-7.

Teeling JL, Perry VH. Systemic infection and inflammation in acute CNS injury and chronic neurodegeneration: underlying mechanisms. Neuroscience. 2009;158(3):1062-73.

Valko M, Leibfritz D, Moncol J, Cronin MT, Mazur M, Telser J. Free radicals and antioxidants in normal physiological functions and human disease. Int J Biochem Cell Biol. 2007;39(1):44-84.

Yorifuji T, Kashima S, Higa Diez M, Kado Y, Sanada S, Doi H. Prenatal Exposure to Traffic-related Air Pollution and Child Behavioral Development Milestone Delays in Japan. Epidemiology. 2016;27(1):57-65.

Zanchi AC, Venturini CD, Saiki M, et al. Chronic nasal instillation of residual-oil fly ash (ROFA) induces brain lipid peroxidation and behavioral changes in rats. Inhal Toxicol. 2008; 20(9):795-800.

Zanchi AC, Saiki M, Saldiva PH, Barros HM, Rhoden CR. Hippocampus lipid peroxidation induced by residual oil fly ash intranasal instillation versus habituation to the open field. Inhal Toxicol. 2010;22(1):84-8.

4. Objetivos

4.1 Objetivo geral:

Estudar o efeito da modulação da exposição pré e pós-natal à PA a nível ambiental sobre o número de neurônios e de microglia e sobre a bioquímica cerebral de ratos machos adultos.

4.2 Objetivos específicos:

Avaliar no córtex e estriado dos animais adultos (150 dias de idade) expostos a PA:

a) o efeito da troca de ambiente aos 21 dias de vida sobre a lipoperoxidação;

b) o efeito da troca de ambiente aos 21 dias de vida sobre a atividade das enzimas SOD e CAT e a concentração de GSH;

c) o efeito da troca de ambiente aos 21 dias de vida sobre o número de neurônios e micróglia utilizando-se análise histológica por técnica estereológica.

5. Artigo científico: The impact of chronic exposure to air pollution over oxidative stress parameters and brain histology.

Bernardi R[3,4], Damaceno-Rodrigues NR[5], Veras MM[1], Fagundes LS[2], Schmitt L[2], Zanchi ACT[1], Saldiva PHN[1,6], Barros HMT[3,4], Rhoden CR[2,3,4]

[1]Laboratory of Experimental Air Pollution. Department of Pathology, School of Medicine, University of São Paulo, SP, Brazil

[2] Laboratory of OS and Atmospheric Pollution, Health Basic Sciences Department, Federal University of Health Sciences of Porto Alegre (UFCSPA), RS, Brazil

[3] Pos-Graduate Course in Health Sciences. Federal University of Health Sciences of Porto Alegre, (UFCSPA), RS, Brazil.

[4] Pharmacology Division, Basic Health Sciences Department, Federal University of Health Sciences of Porto Alegre, (UFCSPA), RS, Brazil.

[5] Laboratory of Cellular Biology. School of Medicine, University of São Paulo, SP, Brazil.

[6] Pos-Graduate Course in Physiopathology. School of Medicine, University of São Paulo, SP, Brazil.

Correspondência:

Rosane Bernardi

Rua Sarmento Leite, 245, prédio 3, sala 606,

Centro, Porto Alegre

RS, Brasil CEP: 90450070

Email: bernardi@ufcspa.edu.br

Abstract:

Chronic exposure to air pollution (AP) triggers neuroinflammation and lipoperoxidation also involved in physiopathology of several neurodegenerative diseases. The aim of this study was to investigate if cortex and striatum of rats chronically exposed to AP at ambient level display alterations of oxidative stress (OS) parameters and number of neurons and microglial cells modulated by environment change at weaning. Seventy two male Wistar rats were distributed in four groups of exposure: control group or FA, exposed during all life to filtered air; group PA-FA, exposed to polluted air during pre-natal period until weaning and then to filtered air; group FA-PA, exposed to filtered air during pre-natal period until weaning and then to polluted air and group PA, exposed during all life to polluted air. After 150 days, the activity of antioxidant enzymes superoxide dismutase (SOD) and catalase (CAT), and concentrations of malondialdehyde (MDA) and total glutathione (GSHt) were measured in cortex and striatum of 48 rats (n= 12 of each group of exposure). At the same time, the number of neurons and microglia of cortex and striatum were determined in the remaining 24 animals (n = six for each group of exposure). The cortex and striatum of the PA group showed significantly higher cortical MDA concentration. GSHt concentration was lower in cortex and higher in striatum of FNF group. SOD activity was significant decreased in cortex of all groups exposed to AP. AP exposure did not alter CAT activity in cortex or striatum. The number of neurons or microglia in the striatum did not differ between FA and PA. On the other hand, neurons and microglia cell numbers were significantly higher in the cortex of FA-PA group. Our findings suggest that striatum and cortex have dissimilar thresholds to react to AP exposure and different adaptable responses to chronically AP-induced OS. At least for the cortex, changing to a non-polluted ambient early in life was able to avoid and/or reverse the OS. We also hypothesize that the exposure to AP can trigger cortical neurogenesis at least transiently maybe as a compensatory mechanism.

Key words: neurogenesis, air pollution, oxidative stress.

INTRODUCTION

Recently, Di *et al*. (2017) demonstrated by overwhelming evidence the impact of air pollution (AP) in mortality of an open cohort with 460,310,521 person-years of follow-up. These authors showed that even low levels of $PM_{2.5}$ and ozone chronic exposure according National Ambient Air Quality Standard (NAAQS) were associated with an increased risk of death predominantly among black men and people with low income. The strength of the evidences justifies the permanent searching for methods to control and turn off the AP poisonous effects.

The first evidences of the toxic effects of AP to the central nervous system (CNS) were demonstrated by Zhang *et al*. (1988). These authors found an increased risk of stroke in a cohort of people exposed to indoor coal fumes. Afterward other authors (Hong *et al*., 2002; Lisabeth *et al*., 2008) confirmed the role of AP as an independent risk factor for stroke. Air pollution is also considered a risk factor for neurodegenerative diseases like Alzheimer's and Parkinson's (Kilian and Kitazawa, 2018). Several studies demonstrated an association between urban AP exposure and neuroinflammation, CNS oxidative stress (OS), and beta-amyloid deposition that are common mechanisms of different neurodegenerative diseases and result in the loss of neurons (Calderón-Garcidueñas *et al*., 2002, 2004, 2008a, 2010; Zanchi *et al*., 2008; Shulman *et al*., 2011).

The brain damage induced by AP exposure is mediated by fine and ultrafine particulate matter (PM) that reaches the CNS mainly by systemic circulation Muhlfeld *et al.*, 2008) and through olfactory epitelium (Gomez-Mejiba *et al*., 2009; Calderón-Garcidueñas *et al*., 2008a, 2010; Oberdörster *et al*., 2005a; Oberdörster *et al.,* 2005b; Oberdörster and Utell, 2002). The presence of PM in the brain promotes disruption of the blood-brain barrier (BBB), neuroinflammation, OS, endothelial activation and inflammatory cell trafficking (Calderón-Garcidueñas *et al*., 2008a). Zanchi *et al*. (2008) showed an increased level of lipoperoxidation in the striatum and cerebellum of rats exposed by intranasal instillation to residual oil fly ash (ROFA). The pre plus post-natal exposure of rats to environmental AP induced cortical OS and impairment of discriminative memory (Zanchi *et al*., 2010b). Fonken *et al*. (2011) demonstrated that mice chronically exposed to airbone fine PM displayed upregulation of inflammatory markers, reduced density and length of hippocampal dendritic spines, and was associated with depressive-like affective responses and cognitive impairment.

Calderón-Garcidueñas *et al*. (2004, 2008b) studied the effects of Mexico's city environmental AP in CNS of feral dogs and humans. These authors found upregulation of inflammatory markers with astrogliosis, OS, DNA damage in olfactory bulbs, frontal cortex and hippocampus, amyloid beta peptide ($A\beta_{42}$) deposition in neurons and astrocytes, white matter glial cells apoptosis and pre-frontal hyperintense lesions suggesting oligodendroglial cells impairment due to pollution. Besides the macro and micro alterations described above, OS, secondary to AP exposure or other mechanisms also induces cellular responses involving mitochondria and other organelles, notably the endoplasmic reticulum and eventually triggers the cell to enter a cell death pathway (Higgins *et al*., 2010; Xia *et al*., 2007).

Recently, Calderón-Garcidueñas *et al.* (2011) evaluated serum inflammatory mediators and brain volumetric alterations by magnetic resonance (MRI) of healthy children exposed or not to environmental AP of Mexico City and correlated the results with cognitive performance. The authors found that regardless of the presence of white matter hyperintensities, those children resident in a highly polluted atmosphere had a poorest performance across a variety of cognition tests. The children exposed to AP also exhibited significant systemic inflammation with the highest serum concentrations of inflammatory markers. Interestingly, there were no volumetric differences in subcortical structures suggesting that the endothelial dysfunctions and disruptions in BBB integrity, proposed as mechanisms of white matter damage in highly exposed subjects, occurred selectively just for certain higher cortical functions.

The major neuronal loss for Alzheimer's disease and Parkinson's and Huntington's chorea concentrates in cortex and in dopaminergic structures of midbrain respectively. Therefore, we aimed to investigate if there are morphological changes in the cortex and striatum of rats chronically exposed to the ambient AP of Porto Alegre city during distinct periods of life using a stereological technique. We also aimed to determine the OS in the same structures.

MATERIALS AND METHODS.

Air pollution exposure

The exposure chambers to polluted or filtered air were built in the garden of the Federal University of Health Sciences of Porto Alegre, the more southern capital city of Brazil. The university is located on a high traffic density avenue where the source of air pollution is predominantly automotive and follows. The exposure procedures were already described elsewhere (Damaceno-Rodrigues *et al*., 2009). The 11.8-m^3 chambers were sustained by a metallic structure and protected of ultraviolet radiation by a cover of plastic film. The air in the filtered air chamber (FAC) was supplied by a filtration air unit at a flow of 33 L/min. The filtration unit consisted of two pre-filters (PP-30 and pleat pre-filter of 18''), chemical (Puracarb® and PK-12; Borges–Katayama, Sao Paulo, Brazil) and high efficiency particulate arresting (HEPA) filters stages (Purafil® side access TAG B07-8338, Borges–Katayama, Sao Paulo, Brazil). The PP-30 had a 30% average efficiency and the pleat pre-filter of 18'', 60% of average efficiency. These first mechanical barriers removed the dust that could block the pores of pellets in the next stage of the unit. The next stage consisted of Puracarb® (activated coal) and PK-12 in 'V' which is made from acrylonitrile butadiene styrene plastic, that contains Purafil® CHEMI SELECT (alumen impregnated with potassium permanganate). Moreover, there were two stages of HEPA PH-97 which had a 99.97% highest efficiency (Borges–Katayama, Sao Paulo, Brazil). The percentages of H_2S, SO_2 and Cl_2 neutralized by Puracarb® are 20%, 5%, and 8%, respectively. The Purafil® CHEMI SELECT neutralizes H_2S, SO_2, nitric oxide (NO), and O_3 on percentages of 14%, 7%, 4.9%, and 90%, respectively (Borges–Katayama, Sao Paulo, Brazil). The HEPA filters retain 99.97% of dust and $PM_{2.5}$, besides the microorganisms (Borges–Katayama, Sao Paulo, Brazil). The only filter of air in polluted air chamber (PAC) was the mechanical one. Additionally, the pressure inside the chambers did not exceed the atmospheric pressure by more than 3 cm H2O. Approximately, 1960 l/h of air flow was provided by a fan assembled between the filtration unit outlet and the chamber inlet.

Animal care:

The study was approved by the review boards and ethical committee of the Federal University of Health Sciences of Porto Alegre and was carried out in accordance with international and national guidelines for animal welfare.

Experimental design

Seventy-two male Wistar puppies were used. Half of them were born after pre-natal exposure to FAC and the other half from prenatal exposure inside the PAC (n=36). All animals were maintained in polypropylene cages (47 cm × 34 cm × 18 cm), six rats per cage, in a temperature (22° + 2°C) and light-controlled 12-h-light/dark cycles (light from 7:00 a.m. to 7:00 p.m.) environment. Food (conventional laboratory diet Supra-lab, Alisul Alimentos S.A., São Leopoldo, RS, Brazil) and water were available ad libitum. On the 21st post-natal day (PND21) the animals were weaned and randomly allocated to compose the four experimental groups each one with six animals for histological studies and 12 animals for OS investigation as follows: control group FA - exposed during pre and post-natal period until adulthood to filtered air; group PA-FA - exposed to polluted air during pre-natal period until weaning and then to filtered air; group FA-PA - exposed to filtered air during pre-natal period until weaning and then to polluted air; group PA exposed during pre and post-natal period to polluted air.

At the PND150, six animals of each group of exposure were selected for histological studies. They were anesthetized intraperitoneally with ketamine (50mg/Kg) and e xylazine (20 mg/Kg) for cardiac perfusion with formaldehyde. The fixed brains were removed, and the cortex and striatum were dissected. Histological analyses are described below.

The other groups of 12 animals each were euthanized by decapitation in the 150 PND and cortex and striatum were immediately dissected and frozen in liquid nitrogen. Afterwards, these structures were homogenized in with KCl and phosphate buffer added with protein inhibitors and centrifuged to remove nuclei and cell debris. The pellets were discarded, and the supernatants were used as homogenates for OS analysis (described below).

Histological study

The wet weights of cortex and striatum were used to calculate the total volume of each structure using the formula: V=m/d (V= volume; m= mass and d=specific density of the tissue). The specific density of the tissue and the retraction factor were calculated using Cavalieri’s principle followed by shrinkage calculation (Dorph-Petersen *et al.* 2001). The sampling procedure for each of the brain structures was based on the fractionator random sampling and systematic random sampling (Mayhew, 2008). The fragments were embedded in paraffin wax and posteriorly were sliced by the disector method (Gundersen *et al.* 1988). The physical disector method was used to quantify the number of neuron and microglial cells. Two pair of 5 μm serial sections for cortex and striatum separated by a distance 150 μm were obtained. The sections were mounted on glass slides and stained using toluidine blue.

Nikon® ACT-2U Imaging software coupled to a light microscope (Nikon Opitphot®) was used for the microscopy. Digital images of two aligned consecutive sections stained by toluidine blue were obtained. Every pair of dissectors was composed by the reference plane on the superior section and the look-up plane on the inferior section and a squared counting frame of 2500 μm^2. For these frames, the upper and right sides of each frame are inclusion lines and the lower and left sides of the frame are exclusion lines. Only the cells inside the reference plane or touching the inclusion lines were counted (Sterio, 1984). The total number of neurons and microglial cells in cortex and striatum was obtained by the formula: Nt=DxVt (NT= total number of cells; D= numeric density of cells counted and Vt = total structure volume).

Analysis of Oxidative Stress Parameters

Lipid peroxidation was determined using the thiobarbiturc acid reactive substances (TBARS) method (Buege and Aust, 1978). TBARS concentration was expressed in nmol of malondialdehyde (MDA) per milligram of total proteins.

The methodology used to determine the SOD activity was the same described by Marklund (1985) and the results were expressed as units of SOD per milligram of total proteins. We used the method described by Aebi (1984) to quantify catalase's activity expressed in units per milligram of total proteins.

A gluthatione kit (Sigma CS0260, Saint Louis, MO, USA) was used to determine the total glutathione concentration and the results were expressed in nmol per milligram of total proteins.

All the above procedures are detailed elsewhere (Zanchi *et al.,* 2008, 2010a, 2010b, Fagundes *et al.,* 2015).

Statistical Procedures

Statistical analysis was performed through *Sigma Stt 3.11* software (Systat software Inc. 2004, Port Richmond, EUA). Results were expressed as mean ± standard error of the mean and submitted to one-way analysis of variance (ANOVA) test followed by the Student–Newman–Keuls post hoc multiple comparison test. The level of significance was set at 5%.

Results.

Analysis of OS:

OS level induced by chronic exposure to AP was quantified by the concentration of MDA (lipid peroxidation) and tGSH, as along with the activity of SOD and CAT in cortex and striatum, as showed in table 1. The cortex and striatum of rats exposed all life, both pre and postnatally to AP (PA) showed a significant almost 5-fold-increase in concentrations of MDA when compared to the other groups (P=0.007 and P=0.010 respectively). The cortex tGSH concentration was reduced in those group exposed only after weaning to AP (FA-PA) (P=0.003). On the other hand, these same animals showed an increase in tGSH concentration in striatum compared to the other groups (P=0.006).

A statistically significant decrease in SOD activity of cortex was found in all groups exposed to AP in some period of life in comparison to the FA group that was never exposed (P=0.012). The striatum showed a significant decrease in SOD activity only in the FA-PA group (P=0.004). CAT activity did not differ in cortex (P=0.440) or striatum (P=0.286) between the groups of exposure.

Table 1. Oxidative stress in córtex and striatum of the groups of rats chronically exposure to air pollution at ambient level.

Exposure group	MDA (nmol/mg total proteins)	SOD (U/mg total proteins)	CAT (pmol/mg total proteins)	GSHt (nmol/mg total proteins)
		CORTEX		
FA	1.73±0.628	6.509±0.74	0.02874±0.00805	776.79±61.707
PA-FA	1.101±0.217	**5.627±0.408****	0.04485±0.02832	653.81±69.352
FA-PA	1.014±0.3	**4.077±0.275****	0.06707±0.00304	**402.26±45.985***#
PA	**5.978±1.92***	**4.455±0.577****	0.04553±0.01325	669.11±63.683
		STRIATUM		
FA	0.975±0.347	6.075±0.493	0.06773±0.01237	148.627±8.689
PA-FA	0.516±0.139	5.384±0.16	0.03881±0.03703	155.897±9.603
FA-PA	0.903±0.277	**4.167±0.139**#	0.04969±0.00765	**195.207±12.193***#
PA	**2.415±0.656***	5.244±0.387	0.04737±0.00894	147.011±5.506

Data are expressed as means±SD; one-way ANOVA, SNK post-hoc.

*MDA concentration in córtex: P=0.007 and striatum P=0.010 compared with other groups.

**SOD activity in córtex: P=0.012 compared with FA; #SOD activity in striatum: P=0.004 compared with the other groups.

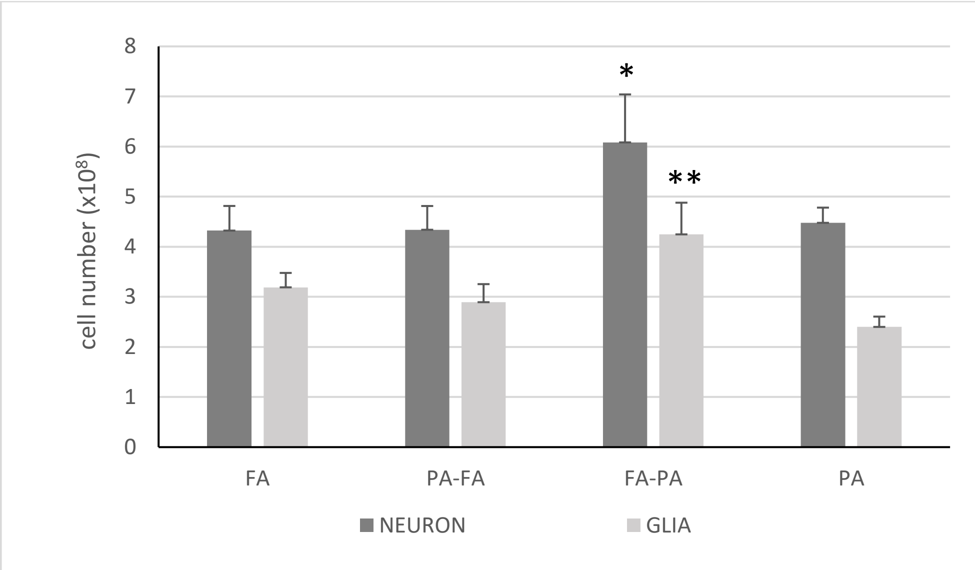
*#tGSH concentration in cortex P=0.003 and striatum P=0.004 compared with other groups.

FA – filtered air; PA-FA – non-filtered air-filtered air; FA-PA – filtered air-non-filtered air; PA – non-filtered air.

Histological analysis:

The figure 1 represents the total number of neuronal and microglia cells calculated by stereological technique. It can be observed in figure 1A that the cortex of FA-PA group showed a significant increase in the number of neurons (P=0.018) and microglial cells (P=0.02) when compared to the other groups. The striatum did not differ regarding neuron or microglial cells number between the four groups of exposure as showed in figure 1B. On the other hand, we can observe a tendency of increasing number of striatal neurons of animals exposed to AP in any period over their life time, as highlighted by dotted blue line. The dotted red line emphasizes that this tendency was not observed by microglial cells.

A



B

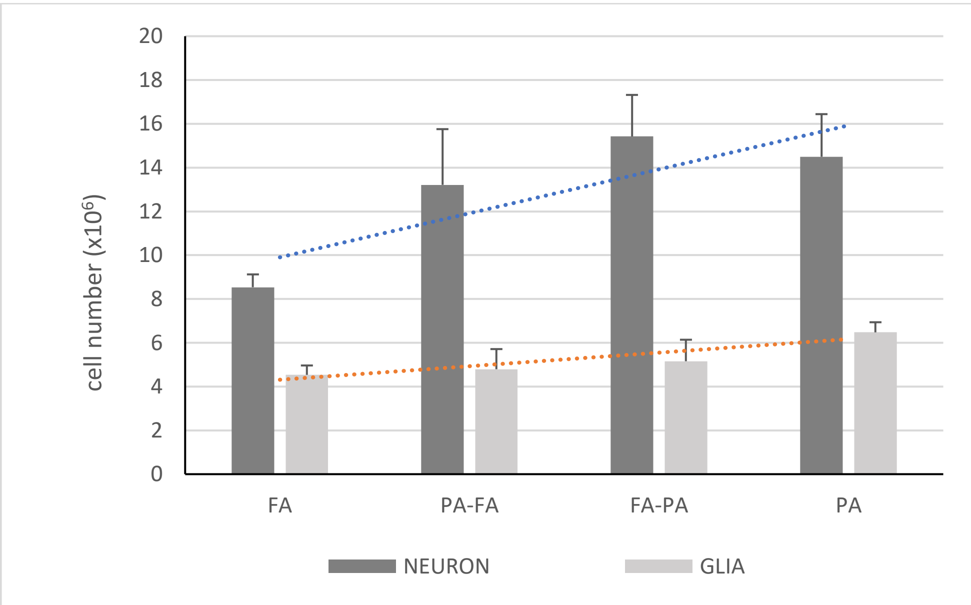


Figure 1. Mean number (±SEM) of neurons (grey bars) and microglial cells (white bars) of the groups of rats chronically exposure to air pollution at ambient level. FA (filtered air chamber); PA-FA (nonfiltered air – filtered air); FA-PA (filtered air-non-filtered air); PA (non-filtered air). (A) Cell number in cortex: significant increase in *neuron (*P*=0,018) and **microglial cells (*P*=0,02) in the FA-PA group in comparison with the other groups. (B) Cell number in striatum: the number of neurons or microglia of

striatum did not differ between groups. The dotted blue line highlights a tendency to an increase in striatal neurons in the groups exposed to AP some time over their lifetime.

Discussion

Our results showed an increase of lipid peroxidation in the cortex and in the striatum of rats after exposed during all life to automotive-derived AP. Likewise, the exposure to AP for at least one period of life induced an imbalance in the antioxidant system as revealed by a significant reduction of SOD activity in the cortex in all groups of rats exposed to AP at some point in life and a significant decrease in GSH concentrations in the FA-PA group. The striatum of rats of FA-PA group showed a decrease in SOD activity but an increase in GSH concentration. We also showed that changing from a polluted to a non-polluted ambient (PA-FA) reverted the lipid peroxidation in cortex and striatum and restored the SOD activity in striatum. Unexpectedly, the histological study of both cortex and striatum did not reveal a reduced number of neurons. Instead, we found that changing from a polluted to a non-polluted ambient resulted in a significant increase in neuron number in the cortex of rats. This same group of animals showed an increased number of microglial cells, which may be an evidence that AP promotes neuroinflammation.

The higher MDA concentrations found in cortex and striatum of the animals exposed during all life, from pre-natal to adults to polluted ambient reinforces the evidences that AP induces lipoperoxidation in brain regions. Our findings corroborate the results of several other studies. Marchini *et al.* (2014) demonstrated that female mice acutely exposed to residual oil fly ash (ROFA) by nasal instillation presented a plasmatic increase of TBARS up to the first 3 hours of exposure. In addition, chronic ROFA exposure of rats by nasal instillation induced lipoperoxidation in striatum, hippocampus and cerebellum with elevation of TBARS levels (Zanchi *et al.,* 2008, 2010b). Costa *et al*. (2017) have studied the effects of acute exposure of adult mice to $PM_{2.5}$ or ultrafine. These authors demonstrated high brain levels of lipoperoxidation and pro-inflammatory cytokines as well as microglia activation in exposed animals. There was also decrease of neurogenesis in hippocampal sub granular zone (SGZ) and subventricular zone (SVZ).

On the other hand, the activity of SOD in our study exhibited a more complex profile that probably reflects differences in susceptibility and/or thresholds of tissue reactions to OS. The striatum showed a significant decrease in SOD activity only in the group of animals exposed to AP after weaning (FA-PA) whereas in cortex the activity of SOD decreased significantly in rats exposed to AP in some period of post-natal life, independently of ambient change. This finding supposes that the exposure to AP early in life as demonstrated by PA-FA group triggers long lasting effects over the enzymatic antioxidant system of cortex even without an increase in MDA concentrations. Long lasting alterations of cellular enzymatic antioxidant systems can be a consequence of epigenetic mechanisms activated by OS during early stages of brain development. According to the free radical theory of development, the development of organisms is dependent of production and removal of reactive oxygen species (ROS). Therefore, the cells under development must increase their antioxidant defenses, for example, throughout the production of GSH (Hitchler & Domann, 2007). However, the increased GSH production interferes with epigenetic processes like DNA and histone methylation by reducing the availability of the cofactors required during epigenetic control of gene expression by DNA and histone methyltransferases (Hitchler & Domann, 2007). We hypothesize that the exposure to air pollution during pre-natal period could disrupt the redox balance in cortex favoring the production of ROS and an over expenditure of SOD. Consequently, the sustainable reduction in cortex SOD activity of the PA-FA group even after ambient change can be secondary to a long-lasting disturbance of antioxidant enzymatic defenses during pre-natal exposure to AP. Another consequence secondary to similar mechanism concerns to a model recently proposed by Lahiri *et al.,* (2007) and termed “Latent Early-Life Associated Regulation” model. This model postulates that exposure of developmental cells to environmental agents (heavy metals), cytokines, and dietary factors induces a long-lasting disruption in gene regulation that begins early in development but will be manifest later in life. Although longlasting chages in enzymatic antioxidative system, our results showed that ambient change during weaning period was able to bring MDA levels back to control values.

The literature gives evidence that the SOD extracellular component is reduced in a diversity of conditions that comprise OS as coronary arterial disease (Landmesser *et al.*, 2000). Delfino *et al.*, (2008) assessed biomarkers of OS and inflammation in a cohort of elderly with history of coronary arterial disease living in Los Angeles (US). These authors showed that PM induced systemic inflammation, platelet activation e reduction of erythrocyte Cu-Zn-SOD activity. Inactivation of antioxidant enzymatic system by electrophilic ambient environment pollutants is an additional mechanism for induction of OS by AP. *In vitro* studies to determine the sensibility of antioxidant enzymes to their own substrates demonstrate that hydrogen peroxide inactivates SOD (Pigeolet *et al.*, 1990). This mechanism could work together to reduce SOD activity in the cortex of the group exposed to AP during all life although does not explain the similar findings in the other groups where the concentrations of MDA were not elevated. While PA-FA group showed a sustained reduction in cortex SOD activity probably secondary to early exposure to AP, the FA-PA preserved the antioxidant enzymatic defenses that successfully neutralized the ROS generated by OS. These findings corroborate the hypothesis that ambient conditions during brain development impacts SNC ability to deal with OS.

The activity of SOD in striatum depicts a different profile in comparison to that of cortex where only the FA-PA showed a significant decrease in this enzyme activity. This group of animals also showed elevated concentration of GSH. Concurrently we did not identify differences in microglial cell number between the striatal groups. We consider that this finding may be secondary to discrepancies in the recruitment of inflammatory cells between cortex and striatum. Fagundes *et al*., (2015) using an *in vitro* model of acute exposure to increasing concentrations of PM, demonstrated a decrease of catalase activity in hippocampus, cerebellum, striatum and olfactory bulb when exposed to the highest PM concentrations. Nevertheless, SOD activity was higher in hippocampus and olfactory bulb, but cortex did not show differences in enzymatic activity. Guerra *et al*., (2013) used an inertial particle separator system as a method of exposure rats to inhaled PM and to study the profile of SOD2 mRNA and Heme-oxigenase-1 (HO-1) mRNA besides other biomarkers of inflammation and cell death in olfactory bulb, frontal cortex, striatum and hippocampus of animals exposed to PM_{10}, $PM_{2,5}$ and ultrafine PM. The olfactory bulb and striatum showed elevated levels of HO-1 mRNA unconcerned to MP diameter while in cortex and hippocampus only $PM_{2,5}$ and ultrafine PM determined significant increase in HO-1 mRNA. SOD mRNA was elevated in striatum independently of the diameter of PM and in hippocampus only in the group of animals exposed to ultrafine PM.

The comparison between different categories of brain cells demonstrated that non-neuronal cells have the highest concentrations of GSH (Dringen, 2005; Rae & Williams, 2017). Microglial cells are regularly exposed to high ROS levels what dictates their need for highly effective antioxidant defense systems to protect against oxidative damage (Chatterjee *et al.*, 2000; Vilhardt *et al.,* 2017). Besides the production of proinflammatory cytokines, superoxide, NO, ROS and proteases (Tang & Li, 2015), activated microglia, also termed “M1 microglia” have a high expression of GSH (Vilhardt *et al.,* 2017). After intrastriatal administration of quinolinic acid, activated microglia showed the highest activity of glutathione peroxidase compared to astrocytes (Lindenau *et al.*, 1998). Human studies demonstrated that glutathione peroxidase was higher in brain microglia of Parkinson's disease and dementia with Lewy bodies possibly involved in neuroprotection (Power and Blumbergs, 2009). According to these evidences, we hypothesize that the increased number of microglial cells of the FA-PA group contributed with the decrease of GSH levels in cortex and possibly had a protective role avoiding OS since there was not elevation in MDA levels in this group of AP exposure.

We need to consider the regulation of antioxidant response by Nuclear factor erythroid-2-related factor 2 (Nrf2). The Nrf2 and its specific repressor, the Kelch-like ECH-associated protein 1 (Keap1), responsible for Nrf2 sequestration in the cytoplasm, mediate cellular response to oxidative stress and to electrophilic xenobiotics (Osburn & Kensler, 2008). Included among the target genes regulated and induced by Nrf2 are: HO-1, SOD, CAT, NADPH-quinone oxidoreductase 1, glutathione S-transferase, glutathione reductase (GR), glutathione peroxidase (GPx), thioredoxin and glutamate cysteine ligase (Ahmed *et al.*, 2017; Vilhardt *et al.,* 2017). Nrf2 is the main regulator of antioxidant responses, mediates negative regulation on the transcription of pro-inflammatory cytokines and chemokines, adhesion molecules, metalloproteinases, cyclooxygenases and inducible nitric oxide synthase (iNOs) (Osburn & Kensler, 2008; Ahmed *et al.*, 2017; Vilhardt *et al.,* 2017). It also blocks the activation of nuclear transcriptional factor kappa B (NFκB) that is essential in many inflammatory responses signaling, immune function, apoptosis and cell growth (Ahmed *et al.*, 2017). The activation of NFκB predominates over Nrf2 in conditions of chronic inflammation with OS and cell death as consequences (Ahmed *et al.*, 2017; Lodovici & Bigagli, 2011). The Nrf2 controls the γ-glutamyl cysteine synthetase the rate-limiting enzyme in GSH biosynthesis (Ghosh *et al*., 2014). Even though we did not measure inflammatory biomarkers, the presence of lipoperoxidation and an elevated number of microglial cells in cortex of FA-PA group are indicative of inflammation induced by chronic exposure to AP. This chronic condition could compromise the Nrf2 activity and decrease SOD expression. Mixed cultures of glial cells treated with lipopolysaccharides and interferon-γ showed activation of iNOs and a drop in GSH concentration in microglial cells (Chatterjee *et al.,* 2000). On the other hand, microglial cultures treated with TNF-α increased GSH, MnSOD levels and MnSOD activity (Dopp *et al*., 2002). The diversity of microglia reactions to inflammatory stimuli in comparison with other glial cells is owing to the cytokines receptor expression (Dopp *et al*., 2002). Accordingly, the source of the stimuli will determine an increase in GSH concentrations secondary to enhanced synthesis or a decrease following enhanced demand (Dringen, 2005).

The dissimilar profile of cortex and striatum responses to chronic AP exposure reflects the well described phenomena of selective neuronal vulnerability from which the neurodegenerative diseases compose the best models (Morigaki & Goto, 2017; Johri & Beal, 2012). On the other hand, cortical neurons in culture showed high survival rate after exposure to different conditions involving OS (Wang & Michaellis, 2010) possibly because of lower levels of genes related to OS suggesting a limited intrinsic OS status with a low level of ROS/reactive nitrogen species formation (Wang & Michaellis, 2010). We cannot conclude for an established difference between cortex and striatum neurons vulnerability to chronic AP exposure based only in our findings of SOD activity and MDA concentrations. Although, we suppose that differences in adaptive responses determine a stepwise progression of neuron damage that is not identical between different brain regions. The interpretation of enzymatic antioxidant functions secondary to AP exposure must consider several variables that are difficult to standardize even using experimental models. Among these variables, we can cite the composition of the aerial and the solid phase of the AP, genetic background, gender and age of individuals involved in the studies, as well as the model and period of exposure. All these issues can modulate the OS and neuroinflammation circumstances and the responses of exposed individuals or tissues.

Another potentially harmful effect of the exposure to AP affects blood-brain-barrier (BBB) integrity. Human exposure to AP induces endothelial cellular damage by the formation of adhesion factors, cytokines and ROS that modify the permeability and the function and expression of transporter proteins (Hartz *et al.,* 2008). Chronic exposure to AP enhanced BBB permeability and expression of endothelial adhesion factors (Calderon-Garcidueñas *et al*., 2008a). An investigation of AP effects with brain magnetic resonance of children and dogs in Mexico City revealed abnormalities secondary to disruption of BBB (Calderon-Garcidueñas et al., 2008b). Experimental studies demonstrated an increase in BBB permeability after exposure to a mixed vehicular emission, a combination of gasoline and diesel engine exhausts, originated by the protein deterioration in tight junctions (Oppenheim *et al*., 2013). BBB permeability is also modified by metalloproteinases which genic expression is enhanced in the presence cytokines (IL-1,4,6 e TNF-α), ROS and NO stimuli (Rojas *et al.*, 2011). Even though the BBB is established and functional during embryogenesis in both humans and rodents, its complete maturation occurs between PND 14 and PND21 in rats (Semple *et al.*, 2013). In this regard, BBB rupture during chronic early AP exposure favors the infiltration of toxicants in brain tissues resulting in neuroinflammation and OS. The immature brain has a reduced capacity to deal with OS due to reduced antioxidant reserve and function of some antioxidant enzymes (Potts *et al.,* 2006; Mavelli *et al.,* 1982). These mechanisms and peculiarities of immature brain could potentiate cellular damage induced by lipoperoxidation and imbalance of epigenetic mechanisms and determine the higher MDA concentrations in cortex and striatum of our group of rats exposed during all lifetime to pollution.

Unexpectedly our histological study revealed a significant increase of neuron number in cortex of FA-PA group. This group also revealed a higher number of microglial cells. On the other hand, the number of microglial or neuron of striatum did not differ between groups. Nonetheless, we recognize a non-significant tendency of increasing neuron number in the groups exposed to AP in some period of life or during all lifetime. The microglial elevated cell number in cortex of FA-PA group suggests inflammation. Whereas the absence of this finding in the PA-FA group demonstrates the suppressant effect of changing to a non-polluted ambient over the cortical inflammatory process. Nevertheless, we cannot sustain the same explanation for the finding of non-elevated number of microglial cells in cortex of PA group. Undoubtedly, chronic exposition to AP during pre and post-natal periods triggers adaptive mechanisms to chronic inflammation which latency, intensity and extent are still unknown. The current knowledge about microglia structure reveals multifaceted and very dynamic phenotypes from proliferative, synaptic pruning, neuromodulation, phagocytosis and inflammation ones (Gomez-Nicola & Perry, 2015). Therefore, microglia can assume a protective role secondary to disease or a neurotoxic phenotype and cellular damage. Pharmacological or genetic ablation of microglia during brain development produced negative and long-lasting impact on synaptic maturation and establishment of CNS circuits (Nelson & Lenz, 2017). A recent review of Condello *et al*., (2017) propose a diverse role to neuroglia in Alzheimer's disease. According to these authors, microglia promotes encapsulation of amyloid deposits and creates a barrier that isolates and protects adjacent axons against neurotoxicity. Microglia also microglial regulates cortical neurogenesis in normal conditions by controlling the size of neural precursor cells reservoir of CNS. Neurogenesis, the process by which new neurons are formed, is present in the adult brain (Ehninger & Kempermann, 2008; Inta *et al.*, 2015). Early manipulation of fetal microglia through maternal immune activation or suppression modifies neural precursor cells in embryo and during pos-natal period (Cunningham *et al.,* 2013). Bolton *et al.,* (2017) studied the impact of pre-natal exposure of male and female mice to diesel exhaust particles over microglia development and function and found long-lasting alterations in microglial morphology and in neuron-glia interactions in exposed male mice. These findings were accompanied by an embryo increase of cortical volume with regression in the post-natal period and a non-significant elevated neuron number. The authors propose that these results could be secondary to excessive neurogenesis or anomalous phagocytosis and apoptosis function of neuroglia or other related cells. Ischemic striatal lesions induced experimentally revealed that microglia in the lesion zone takes different phenotypes compared to the subventricular zone. In this neurogenic niche, microglia adopt an intermediate profile of low activation grade capable to stimulate neurogenesis and promote migration and integration of the new neurons toward the lesion zone (Thored *et al.,* 2009). Striatal neuronal loss induced by middle cerebral artery occlusion promotes migration of neuroblasts to the lesioned zone where they will adopt the phenotype of dead neurons (Yamashita *et al.*, 2006). On the other hand, a growing body of evidences has supported a role of neurons in regulation of microglia state and this cross talk is mediated by chemokines like fractalkine (CX3CL1) highly expressed in neuron an its receptor CX3CR1 highly expressed in microglia. This chemokine is a neuroimmune regulatory molecule that maintains microglia in their resting phenotype (Kohman & Rhodes, 2013). The expression of this phenotype after inflammatory response suggests a compensatory and protector function to neurogenesis by producing factors that recover neuroblasts and induce their differentiation to neuronal cell as well as extend the neurogenic potential of stem neural cells. The neurogenic factors like IL-4, brain derived neurotrophic factor (BDNF), TGF-β e IGF-1 mediate microglial positive effects in adult neurogenesis in a context-dependent way (Walton *et al.,* 2006).

Finally, considering the importance of striatum for procedural or non-declarative memory (Rankin *et al.,* 2009; Squire and Dede, 2015), the studies that evaluate habituation memory can give information about the functional state of striatum. Zanchi *et al.,* (2010a) found a progressive decrease in objects exploration determined by chronic exposure to AP what could be representative of increased levels of habituation. Woodward *et al*. (2017) studied the impact of intermittent exposure of female mice to nPM from ambient urban traffic emissions in several parameters as neuritic atrophy, white matter degeneration, and microglial activation. They also tested the animals to recognition memory and spontaneous alternating behavior and found that nPM exposure decreased exploratory activity in both tests without impairing recognition memory. Human studies with brain magnetic resonance showed that the harmful effects of AP exposure occurred selectively without encompass subcortical structures although with impairment of cortical higher functions as demonstrated by cognitive challenges (Calderón-Garcidueñas et al., 2011). The tendency to an increase in neuron number in striatum of our rats exposed to AP could justify a habituation strengthening? Given the complexity of the effects of AP exposure in CNS homeostasis, there is a need to proceed the research about the impact in the different categories of memory.

Conclusions

The method used in our study simulates the quotidian exposure of population to AP and reveals that chronic and uninterruptedly pre and post-natal exposure to urban AP is necessary to induce higher levels of lipoperoxidation in cortex and striatum. Our results also point to an imbalance of CNS antioxidant enzymatic activity especially in cortex of the exposed animals probably reflecting dissimilar thresholds to react to OS. Even though we did not determine the levels of inflammatory biomarkers, the elevated number in microglial cells in cortex is an undoubted evidence of inflammation. Differently of striatum that shows no significant changes in neuron and microglial cells number, in cortex, the exposure to AP after weaning determined a significant elevation of both cells. This finding reflects differences in vulnerability between these regions. In conclusion, our findings support the idea that brain regions do not react identically to the exposure to AP. Further investigations are necessary to address the effects of AP in different brain regions with control of age, interval of exposure and gender.

References

Aebi H. (1984) Catalase in vitro. Methods Enzymol. 105:121-6.

Ahmed SM, Luo L, Namani A, et al. (2017). Nrf2 signaling pathway: Pivotal roles in inflammation. Biochim Biophys Acta Mol Basis Dis. 1863(2):585-97.

Bolton JL, Marinero S, Hassanzadeh T, et al. (2017) Gestational Exposure to Air Pollution Alters Cortical Volume, microglial Morphology, and Microglia-Neuron Interactions in a Sex-Specific Manner. Front Synaptic Neurosci. 31;1-16.

Buege JA, Aust SD. (1978) Microsomal Lipid Peroxidation. Methods in Enzymol. 52: 302-10.

Calderón-Garcidueñas L, Azzarelli B, Acuna H, et al. (2002). Air pollution and brain damage. *Toxicol Pathol* 30 (3): 373-89.

Calderón-Garcidueñas L, Reed W, Maronpot RR, et al. (2004). Brain inflammation and Alzheimer's-like pathology in individuals exposed to severe air pollution. Toxicol Pathol 32:650-58.

Calderón-Garcidueñas L, Solt AC, Henriquez-Roldán C, et al. (2008a). Long-term air pollution exposure is associated with neuroinflammation an altered innate immune response, disruption of the blood-brain barrier, ultrafine particulate deposition and accumulation of amyloid beta-42 and alpha-synuclein in children and young adults. Toxicol Pathol *36* (2): 289-310.

Calderón-Garcidueñas L, Mora-Tiscareño A, Ontiveros E, et al. (2008b). Air pollution, cognitive deficits and brain abnormalities: a pilot study with children and dogs. Brain Cogn. 68(2):117-27.

Calderón-Garcidueñas L, Franco-Lira M, Henríquez-Roldán C, et al. (2010). Urban air pollution: influences on olfactory function and pathology in exposed children and young adults. Exp Toxicol Pathol 62(1):91-102.

Calderón-Garcidueñas L, Engle R, Mora-Tiscareño A, et al. (2011). Exposure to severe urban air pollution influences cognitive outcomes, brain volume and systemic inflammation in clinically healthy children. Brain Cogn. 77(3):345-55.

Chatterjee S, Noack H, Possel H, et al. (2000). Induction of nitric oxide synthesis lowers intracellular glutathione in microglia of primary glial cultures. Glia 1;29(1):98-101.

Condello C, Yuan P, Grutzendler J. (2018) Microglia-Mediated Neuroprotection, TREM2, and Alzheimer's disease: Evidence from Optical Imaging. Biol Psychiatry. 15;83(4):377-87.

Costa LG, Cole TB, Coburn J, et al. (2017). Neurotoxicity of traffic-related air pollution. Neurotoxicology. 59:133-39.

Cunningham CL, Martínez-Cerdeño V, Noctor SC. (2013). Microglia regulate the number of neural precursor cells in the developing cerebral cortex. J Neurosci. 33(10):4216-33.

Damaceno-Rodrigues NR, Veras MM, Negri EM, et al. (2009) Effect of pre- and postnatal exposure to urban air pollution on myocardial lipid peroxidation levels in adult mice. Inhal Toxicol. 21(13):1129-37.

Delfino RJ, Staimer N, Tjoa T, et al. (2008). Circulating biomarkers of inflammation, antioxidant activity, and platelet activation are associated with primary combustion aerosols in subjects with coronary artery disease. Environ Health Perspect. 116(7):898-906.

Di Q, Wang Y, Zanobetti A, et al. (2017). Air Pollution and Mortality in the Medicare Population. N Engl J Med. 29;376(26):2513-22.

Dopp JM, Sarafian TA, Spinella FM, et al. (2002). Expression of the p75 TNF receptor is linked to TNF-induced NFkappaB translocation and oxyradical neutralization in glial cells. Neurochem Res. 27(11):1535-42.

Dorph-Petersen KA, Nyengaard JR, Gundersen HJ. (2001). Tissue shrinkage and unbiased stereological estimation of particle number and size. J. Microsc 201 (Pt 3): 232-246.

Dringen R. (2005). Oxidative and antioxidative potential of brain microglial cells. Antioxid Redox Signal. 7(9-10):1223-33.

Ehninger D, Kempermann G. (2008). Neurogenesis in the adult hippocampus. Cell Tissue Res. 331(1):243-50.

Fagundes LS, Fleck Ada S, Zanchi AC, et al. (2015). Direct contact with particulate matter increases oxidative stress in different brain structures. Inhal Toxicol. 27(10):462-7.

Fonken LK, Xu X, Weil ZM, et al. (2011). Air pollution impairs cognition, provokes depressive-like behaviors and alters hippocampal cytokine expression and morphology. Mol Psychiatry 6(10):987-95.

Gomez-Mejiba SE, Zhai Z, Akram H et al. (2009). Inhalation of environmental stressors & chronic inflammation: autoimmunity and neurodegeneration. Mutat Res 674(1-2):62-72.

Gomez-Nicola D, Perry VH. (2015). Microglial dynamics and role in the healthy and diseased brain: a paradigm of functional plasticity. Neuroscientist. 21(2):169-84.

Guerra R, Vera-Aguilar E, Uribe-Ramirez M, et al. (2013). Exposure to inhaled particulate matter activates early markers of oxidative stress, inflammation and unfolded protein response in rat striatum. Toxicol Lett. 24;222(2):146-54.

Gundersen HJ, Bagger P, Bendtsen TF, et al. (1988). The new stereological tools: disector, fractionator, nucleator and point sampled intercepts and their use in pathological research and diagnosis. APMIS 96 (10): 857-881.

Ghosh D, LeVault KR, Brewer GJ. (2014). Dual-energy precursor and nuclear erythroid-related factor 2 activator treatment additively improve redox glutathione levels and neuron survival in aging and Alzheimer mouse neurons upstream of reactive oxygen species. Neurobiol Aging. 35(1):179-90.

Hartz AM, Bauer B, Block ML, et al. (2008). Diesel exhaust particles induce oxidative stress, proinflammatory signaling, and P-glycoprotein up-regulation at the blood-brain barrier. FASEB J. Aug;22(8):2723-33.

Higgins GC, Beart PM, Shin YS et al. (2010). Oxidative stress: emerging mitochondrial and cellular themes and variations in neuronal injury. J Alzheimers Dis. 20 (Suppl 2):S453-73.

Hitchler MJ, Domann FE. (2007). An epigenetic perspective on the free radical theory of development. Free Radic Biol Med. 1;43(7):1023-36.

Hong YC, Lee JT, Kim H, et al. (2002). Air pollution: a new risk factor in ischemic stroke mortality. Stroke. 33(9):2165-9.

Inta D, Cameron HA, Gass P. (2015). New neurons in the adult striatum: from rodents to humans. Trends Neurosci. 38(9):517-23.

Johri A, Beal MF. (2012). Antioxidants in Huntington's disease. Biochim Biophys Acta.1822 (5):664-74.

Kilian J, Kitazawa M. (2018). The emerging risk of exposure to air pollution on cognitive decline and Alzheimer's disease - Evidence from epidemiological and animal studies. Biomed J. ;41(3):141-62.

Kohman RA, Rhodes JS. (2013). Neurogenesis, inflammation and behavior. Brain Behav Immun. 27(1):22-32.

Lahiri DK, Maloney B, Basha MR, et al. (2007). How and when environmental agents and dietary factors affect the course of Alzheimer's disease: the "LEARn" model (latent early-life associated regulation) may explain the triggering of AD. Curr Alzheimer Res. 4(2):219-28.

Landmesser U, Merten R, Spiekermann S, et al. (2000). Vascular extracellular superoxide dismutase activity in patients with coronary artery disease: relation to endothelium-dependent vasodilation. Circulation. 16;101(19):2264-70.

Lindenau J, Noack H, Asayama K, et al. (1998). Enhanced cellular glutathione peroxidase immunoreactivity in activated astrocytes and in microglia during excitotoxin-induced neurodegeneration. Glia 24: 252–56.

Lisabeth LD, Escobar JD, Dvonch JT, et al. (2008). Ambient air pollution and risk for ischemic stroke and transient ischemic attack. Ann Neurol. 64(1):53-9.

Lodovici M, Bigagli E. (2011). Oxidative stress and air pollution exposure. J Toxicol. 2011:1-9.

Marchini T, Magnani ND, Paz ML, et al. (2014). Time course of systemic oxidative stress and inflammatory response induced by an acute exposure to Residual Oil Fly Ash. Toxicol Appl Pharmacol. 15;274(2):274-82.

Marklund S. (1985). Handbook of methods for oxygen radical research. Boca Raton: CRC Press.

Mavelli I, Rigo A, Federico R, et al. (1982). Superoxide dismutase, glutathione peroxidase and catalase in developing rat brain. Biochem J. 15;204(2):535-40.

Mayhew TM. (2008). Taking tissue samples from the placenta: an illustration of principles and strategies. Placenta 29: 1-14.

Morigaki R, Goto S. Striatal Vulnerability in Huntington's Disease: (2017). Neuroprotection Versus Neurotoxicity. Brain Sci. 7;7(6).

Nelson LH, Lenz KM. (2017). Microglia depletion in early life programs persistent changes in social, mood-related, and locomotor behavior in male and female rats. Behav Brain Res. 1;316:279-93.

Oberdörster G, Utell MJ. (2002). Ultrafine particles in the urban air: to the respiratory tract – and beyond? Environ. Health Perspect 110 (8): A440-A441.

Oberdörster G, Maynard A, Donaldson K. et al. (2005a). Principles for characterizing the potential human health effects from exposure to nanomaterials: elements of a screening strategy. Part Fibre Toxicol 6;2:8.

Oberdörster G, Oberdörster E, Oberörster J. (2005b). Nanotoxicology: an emerging discipline evolving from studies of ultrafine particles. Environ. Health Perspect 113 (7): 823-39.

Oppenheim HA, Lucero J, Guyot AC, et al. (2013). Exposure to vehicle emissions results in altered blood brain barrier permeability and expression of matrix metalloproteinases and tight junction proteins in mice. Part Fibre Toxicol. 17;10:62.

Osburn WO, Kensler TW. (2008). Nrf2 signaling: an adaptive response pathway for protection against environmental toxic insults. Mutat Res. 659(1-2):31-9.

Pigeolet E, Corbisier P, Houbion A, et al. (1990) Glutathione peroxidase, superoxide dismutase, and catalase inactivation by peroxides and oxygen derived free radicals. Mech Ageing Dev. 15;51(3):283-97.

Potts MB, Koh SE, Whetstone WD, et al. (2006). Traumatic injury to the immature brain: inflammation, oxidative injury, and iron-mediated damage as potential therapeutic targets. NeuroRx. 3(2):143-53.

Power JH, Blumbergs PC (2009). Cellular glutathione peroxidase in human brain: cellular distribution and its potential role in the degradation of Lewy bodies in Parkinson's disease and dementia with Lewy bodies. Acta Neuropathol 117: 63–73.

Rae CD, Williams SR. (2017). Glutathione in the human brain: Review of its roles and measurement by magnetic resonance spectroscopy. Anal Biochem. 15; 529:127-43.

Rankin CH, Abrams T, Barry RJ, et al. (2009). Habituation revisited: an updated and revised description of the behavioral characteristics of habituation. Neurobiol Learn Mem. 92(2):135-8.

Rojas H, Ritter C, Pizzol FD. (2011). Mechanisms of dysfunction of the blood-brain barrier in critically ill patients: emphasis on the role of matrix metalloproteinases. Rev Bras Ter Intensiva. 23(2):222-7.

Semple BD, Blomgren K, Gimlin K, et al. (2013). Brain development in rodents and humans: Identifying benchmarks of maturation and vulnerability to injury across species. Prog Neurobiol. 106-107:1-16.

Shulman JM, De Jager PL, Feany MB. (2011). Parkinson's disease: genetics and pathogenesis. Annu Rev Pathol 6:193-222.

Squire LR, Dede AJ. (2015). Conscious and unconscious memory systems. Cold Spring Harb Perspect Biol. 2;7(3): a021667.

Sterio DC. (1984). The unbiased estimation of number and sizes of arbitrary particles using the disector. J Microsc. 134(2):127-36.

Thored P, Heldmann U, Gomes-Leal W, et al. (2009). Long-term accumulation of microglia with proneurogenic phenotype concomitant with persistent neurogenesis in adult subventricular zone after stroke. Glia. 57(8):835-49.

Vilhardt F, Haslund-Vinding J, Jaquet V, et al. (2017). Microglia antioxidan systems and redox signalling. Br J Pharmacol. 174(12):1719-32.

Walton NM, Sutter BM, Laywell ED, et al. (2006). Microglia instruct subventricular zone neurogenesis. Glia 54(8):815-25.

Wang X, Michaelis EK. (2010). Selective neuronal vulnerability to oxidative stress in the brain. Front Aging Neurosci 2:1-13.

Woodward NC, Pakbin P, Saffari A, et al. (2017). Traffic-related air pollution impact on mouse brain accelerates myelin and neuritic aging changes with specificity for CA1 neurons. Neurobiol Aging. 53:48-58.

Xia T, Kovochich M, Nel AE. (2007). Impairment of mitochondrial function by particulate matter (PM) and their toxic components: implications for PM-induced cardiovascular and lung disease. Front Biosci 1(12):1238-46.

Yamashita T, Ninomiya M, Hernández Acosta P, et al. (2006). Subventricular zone-derived neuroblasts migrate and differentiate into mature neurons in the post-stroke adult striatum. J Neurosci. 14;26(24):6627-36.

Zanchi AC, Venturini CD, Saiki M, et al. (2008). Chronic nasal instillation of residual-oil fly ash (ROFA) induces brain lipid peroxidation and behavioral changes in rats. *Inhal Toxicol* 20(9):795-800.

Zanchi AC, Fagundes LS, Barbosa F Jr, et al. (2010a). Pre and post-natal exposure to ambient level of air pollution impairs memory of rats: the role of oxidative stress. Inhal Toxicol 22(11):910-8.

Zanchi AC, Saiki M, Saldiva PH, et al. (2010b). Hippocampus lipid peroxidation induced by residual oil fly ash intranasal instillation versus habituation to the open field. Inhal Toxicol. 22(1):84-8

Zhang ZF, Yu SZ, Zhou GD. (1988). Indoor air pollution of coal fumes as a risk factor of stroke, Shanghai. Am J Public Health 78(8):975-7.

5. Conclusão

Os nossos resultados permitem concluir que a exposição crônica diária durante o período pré e pós-natal à PA mesmo em concentrações médias diárias anuais de $MP_{2,5}$ inferiores aos níveis de atenção para a qualidade do ar conforme estabelecido pelo CONAMA em 2008, induz estresse oxidativo no córtex e estriado. Constatamos também haver um desequilíbrio na atividade enzimática anti-oxidante manifestado principalmente no córtex dos animais expostos refletindo limiares diversos de reação ao EO entre as regiões cerebrais estudadas. Concomitantemente à presença de EO observamos uma elevação no número de células microgliais no córtex dos animais expostos à PA após o desmame reforçando a ideia de processo inflamatório associado. O cortex deste mesmo grupo de animais também apresentou número aumentado de neurônios. Contrariamente aos achados no cortex, o estriado não apresentou modificações significativas no número de células neuronais ou microgliais. Desconhecemos, até o presente momento, estudos que tenham demonstrado resultados semelhantes particularmente em termos de número de células neuronais. As respostas não homogêneas à exposição à PA por parte do córtex e do estriado quanto ao número de celulas microgliais e neuronais e atividade enzimática antioxidante pode ter origem no fenômeno da vulnerabilidade neuronal seletiva que envolve múltiplos mecanismos. Quanto ao aumento do número de neurônios, aventamos a hipótese de que se trate de neurogênese compensatória ao processo inflamatório desencadeado peal PA no córtex cerebral. Para comprovar esta hipótese há necessidade de prosseguirmos nos estudos com a utilização de técnicas específicas para identificação de neurônios jovens em diferentes etapas de desenvolvimento cerebral durante exposição à PA. É importante assinalarmos também que o fato de permitir ao SNC desenvolver-se e maturar-se em ambiente não poluído parece exercer efeito protetor contra o estresse oxidativo induzido por exposição à PA em fase mais tardia.

7 Anexos

7.1 Anexo I

Normas de publicação no periódico Inhalation Toxicology.

Inhalation Toxicology Instructions for Authors

About the Journal Aims and Scope Editor-in-Chief

Manuscript Submission

Manuscript Preparation File preparation and types Title Page Abstract Main Text Acknowledgments and Declaration of Interest statements References Tables Illustrations Notes on Style

Editorial Policies Authorship Redundant publications and plagiarism Peer Review Ethics and Consent Copyright and Permissions CrossCheck Declaration of Interest NIH and Public Access Policy

Additional Information Proofs Reprints Contact the Publisher

About the Journal

Aims and Scope

Inhalation Toxicology is a peer-reviewed monthly publication providing a key forum for the latest accomplishments and advancements in concepts, approaches, and procedures presently being used to evaluate the health risk associated with airborne chemicals.

The journal publishes original research, reviews, symposia, and workshop topics involving the respiratory system's functions in health and disease, the pathogenesis and mechanism of injury, the extrapolation of animal data to humans, the effects of inhaled substances on extra-pulmonary systems, as well as reliable and innovative models for predicting human disease.

Editor-in-Chief

Donald E. Gardner, PhD Savannah, GA USA

Manuscript Submission

All submissions should be made online at Inhalation Toxicology's ScholarOne Manuscripts site. New users should first create an account. Once a user is logged onto the site, submissions should be made via the Author Center. If you experience any problems with your submission or with the site, please contact ScholarOne support through the 'get help now' link.

All submissions to the journal must include full disclosure of all relationships that could be viewed as presenting a potential conflict of interest. If there are no conflicts of interest, authors should state that there are none. This must be stated at the point of submission (within the manuscript, after the main text under a subheading "Declaration of interest”). We also request that all authors complete an International Committee of Medical Journals Editors' conflict of interest form in advance of submission; the submitting author must upload each author’s form as supplemental files along with the manuscript.

Please see our full Declaration of Interest Policy for further information.

Manuscript Preparation

File preparation and types

Manuscripts are preferred in Microsoft Word format (.doc files). Documents must be double-spaced, with margins of one inch on all sides. Tables and figures should not appear in the main text, but should be submitted as separate digital files and designated with the appropriate file type on ScholarOne Manuscripts. References should be given in Harvard style (see References section for example).

Manuscripts should be compiled in the following order: title page; abstract; main text; acknowledgments; Declaration of Interest statement; appendices (as appropriate); references; tables with captions (on separate pages); figures; figure captions (as a list).

Inhalation Toxicology publishes the following manuscript types:

 Original papers Reviews Measurement technology Modelling/symmetry Letters to the Editor

Title Page

A title page should be provided comprising the manuscript title plus the full names and affiliations of all authors involved in the preparation of the manuscript. One author should be clearly designated as the corresponding author and full contact information, including phone number and email address, provided for this person.

Abstract

All original articles and reviews should start with an abstract of 250 or fewer words, summarising the central core of knowledge that is the focus of the paper. The recommended format is as a structured abstract, with the following headings for an original article: context, objective, materials and methods, results, discussion and conclusion. For a review article, it should be structured as follows: context, objective, methods (including data sources, study selection and data extraction), results and conclusion. It should be written in an informative style permitting its use, without revision, by abstracting services, give essential details of research findings without further reference to the text, and avoid generalisations and nonessential information.

Main Text

Original articles The body of the article should include the following sections: introduction; methods; results; discussion; conclusions.

Introduction: This section should state the relevance and background to the study, and its rationale and purpose. Methods: This section should include only information that was available at the time the plan or protocol for the study was being written. You should describe your selection of the observational or experimental participants, identify the methods, apparatus and procedures in sufficient detail to allow others to reproduce the results, and describe statistical methods with enough detail to enable a knowledgeable reader with access to the original data to verify the reported results. Inhalation Toxicology requires that studies involving humans, both volunteers and patients, or animals be approved by an institutional review board, in accordance with approved published guidelines, prior to actually performing the research and publishing the data. Details including clinical trial registration number must be provided in the methods section if research includes studies conducted on human volunteers. Results: Present your results in logical sequence in the text, tables, and illustrations. Discussion: This should include implications of the findings and their limitations, with reference to all other relevant studies and the possibilities these suggest for future research. Conclusions: This must summarize the main paper. Ensure that extrapolations are reasonable and that conclusions are justified by the data presented, and indicate if the study design can be generalized to a broader study population. Please also include an additional paragraph describing: What is new/novel about this research What critical issues this research addresses Relevance of the research to humans

Reviews The body of a review article should be a comprehensive, scholarly evidence-based review of the literature, accompanied by critical analysis and leading to reasonable conclusions. Wherever appropriate details of the literature search methodology should be provided, i.e. the databases searched (normally Medline and at least one or two other databases), the search terms and inclusive dates, and any selectivity criteria imposed.

Wherever possible, use primary resources, avoiding “Data on File”, “Poster” or other unpublished references.

Acknowledgments and Declaration of Interest sections

Acknowledgments and Declaration of interest sections are different, and each has a specific purpose. The Acknowledgments section details special thanks, personal assistance, and dedications. Contributions from individuals who do not qualify for authorship should also be acknowledged here.

Declarations of interest, however, refer to statements of financial support and/or statements of potential conflict of interest. Within this section also belongs disclosure of scientific writing assistance (use of an agency or agency/ freelance writer), grant support and numbers, and statements of employment, if applicable. For a more detailed list of points to include, please see “Declaration of Interest section” below.

Acknowledgments section

Any acknowledgments authors wish to make should be included in a separate headed section at the end of the manuscript preceding any appendices, and before the references section. Please do not incorporate acknowledgments into notes or biographical notes.

Declaration of Interest section

All declarations of interest must be outlined under the subheading ‘Declaration of interest’. If authors have no declarations of interest to report, this must be explicitly stated. The suggested, but not mandatory, wording in such an instance is: The authors report no declarations of interest. When submitting a paper via ScholarOne Manuscripts, the ‘Declaration of interest’ field is compulsory (authors must either state the disclosures or report that there are none). If this section is left empty authors will not be able to progress with the submission.

Please see our full Declaration of Interest Policy for further information.

Please note: for NIH/Wellcome-funded papers, the grant number(s) must be included in the Declaration of Interest statement.

References

References should be given in the Harvard style. Citation in the text is by author and date (Smith, 2001). The list of references appears alphabetically by primary author’s last name. Each reference should include all author names. Examples:

 Journal: Iyengar BS, Dorr RT, Remers WA. 2004. Chemical basis for the biological activity of imexon and related cyanaziridines. J Med Chem 47:218–223. Book: Vyas SP, Khar RK. 2001. Targeted and Controlled Drug Delivery. New Delhi, India: CBS Publisher and Distributor. Contribution to a Book: Chandrasekaran SK, Benson H, Urquhart J. 1978. Methods to achieve controlled drug delivery: The biochemical engineering approach. In: Robinson JR, ed. Sustained and Controlled Release Drug Delivery Systems. New York: Marcel Dekker, 557–593. Electronic Resources: Lin A-S, Shibano M, Nakagawa-Goto K, Tokuda H, Itokawa H, Morris-Natschke, SL, Lee K-H, (2007). Cancer Preventive Agents. 7. Antitumor- Promoting Effects of Seven Active Flavonolignans from Milk Thistle (Silybum marianum) on Epstein-Barr Virus Activation. Pharm Biol [Online] Available at:

http://www.informapharmascience.com/doi/abs/10.1080/13880200701585592. Accessed on 12 April 2009

Periodical abbreviations should follow the style given by Index Medicus.

Tables

Tables should be used only when they can present information more efficiently than running text. Care should be taken to avoid any arrangement that unduly increases the depth of a table, and the column heads should be made as brief as possible, using abbreviations liberally. Lines of data should not be numbered nor run numbers given unless those numbers are needed for reference in the text. Columns should not contain only one or two entries, nor should the same entry be repeated numerous times consecutively. Tables should be grouped at the end of the manuscript on separate pages.

Illustrations

Illustrations (line drawings, halftones, photos, photomicrographs, etc.) should be submitted as digital files for highest quality reproduction and should follow these guidelines:

 300 dpi or higher Sized to fit on journal page EPS, JPG, TIFF, or PSD format only Submitted as separate files, not embedded in the text Legends or captions for figures should be listed on a separate page, double spaced

For information on submitting animations, movie files and sound files or any additional information including indexes and calendars please click here.

Notes on Style

General Style Authors are asked to take into account the diverse audience of the journal. Please avoid the use of terms that might be meaningful only to a local or national audience, or provide a clear explanation where this is unavoidable. However, papers that reflect the particularities of a social and cultural system are acceptable. Some specific points on style follow:

1. Authors should write in clear, concise US English. Language and grammar should be consistent with Fowler's English Usage; spelling and meaning of words should conform to Webster's Dictionary. If English is not your native language please ensure the manuscript has been reviewed by a native speaker. Please note: extensive rewriting of the text will not be undertaken by the editorial staff. 2. Latin terminology, including microbiological and species nomenclature, should be italicized. 3. Use standard convention for human and animal genes and proteins: italics for genes and regular font for proteins, and upper case for human products and lower case for animal products. 4. “US” is preferred to “American”, “USA” to “United States”, and “UK” to “United Kingdom”. 5. Double quotation marks rather than single are used unless the “quotation is ‘within’ another”. 6. Punctuation of common abbreviations should adhere to the following conventions: “e.g.”; “i.e.”; “cf.”. Note that such abbreviations should not generally

be followed by a comma or a (double) point/period. 7. Upper case characters in headings and references should be used sparingly, e.g. only the first word of paper titles, subheadings and any proper nouns begin upper case; similarly for the titles of papers from journals in the references and elsewhere. 8. Apostrophes should be used sparingly. Thus, decades should be referred to as follows: “The 1980s [not the 1980’s] saw …”. Possessives associated with acronyms (e.g. APU), should be written as follows: “The APU’s findings that …” but note that the plural is “APUs”. 9. All acronyms for national agencies, examinations, etc., should be spelled out the first time they are introduced in text or references. Thereafter the acronym can be used if appropriate, e.g. “The work of the Assessment of Performance Unit (APU) in the early 1980s …” and subsequently, “The APU studies of achievement …”, in a reference “(Department of Education and Science [DES] 1989a)”. 10. Brief biographical details of significant national figures should be outlined in the text unless it is quite clear that the person concerned would be known internationally. Some suggested editorial comments in a typical text are indicated in the following with square brackets: “From the time of H. E. Armstrong [in the 19th century] to the curriculum development work associated with the Nuffield Foundation [in the 1960s], there has been a shift from constructivism to heurism in the design of [British] science courses”.

11. The preferred local (national) usage for ethnic and other minorities should be used in all papers. For the USA, “African-American”, “Hispanic” and “Native American” are used, e.g. “The African-American presidential candidate, Jesse Jackson …”; for the UK, “Afro-Caribbean” (not “West Indian”), etc. 12. Material to be emphasised by italicisation in the printed version should be italicized in the typescript rather than underlined. Please use such emphasis sparingly. 13. Numbers in text should take the following forms: 300, 3000, 30 000 (not 30,000). Spell out numbers under 10 unless used with a unit of measure, e.g. nine pupils but 9 mm (do not use full stops (periods) within units). For decimals, use the form 0.05 (not .05, × 05 or 0× 05). “%” (not “per cent”) should be used in typescripts. 14. Appendices should appear before the references section and after any acknowledgments section. The style of the title is shown by the following example: “Appendix C: The random network generator”. Figures and tables within appendices should continue the sequence of numbering from the main body of the text. Sections within appendices should be numbered, for example, C.1, C.2. Equations in appendices should be numbered, for example, (C 1), (C 2). If there is only one appendix, it is referred to as “the appendix” and not called “Appendix A”.

Abbreviations and nomenclature For abbreviations and nomenclature, authors should consult the latest edition of the CSE Style Manual available from the Council of Science Editors, 60 Revue Drive, Suite 500 Northbrook, IL, 60062, USA.

Mathematics Please click here for more information on the presentation of mathematical text.

Footnotes Footnotes are not to be used except for designation of the corresponding author of the paper or current address information for an author (if different from that shown in the affiliation). Information concerning grant support of research should appear in a separate

Declaration of interest section at the end of the paper. Acknowledgments of the assistance of colleagues or similar notes of appreciation belong in a separate Acknowledgments section.

Footnotes to tables should be typed directly below the table and are indicated by the following symbols: * (asterisk or star), † (dagger), ‡ (double dagger), ¶ (paragraph mark), § (section mark), || (parallels), # (number sign). Reinitialize symbol sequence within tables.

Editorial Policies

Authorship

According to the International Committee on Medical Journal Ethics (ICMJE), an author is defined as one who has made substantial contributions to the conception and development of a manuscript. Informa Healthcare adheres to the ICMJE guidelines (http://www.icmje.org/#author), which state that "authorship credit should be based on all of the following: 1) substantial contributions to conception and design, acquisition of data, or analysis and interpretation of data; 2) drafting the article or advising it critically for important intellectual content; and 3) final approval of the version to be published"1. All other contributors should be listed in the Acknowledgements section.

All submissions are expected to comply with the above definition. Changes to the authorship list after submission will result in a query from the publisher requesting written explanation.

1 Uniform Requirements for Manuscripts Submitted to Biomedical Journals: Writing and Editing for Biomedical Publication. Available at: http://www.icmje.org/

Redundant publications and plagiarism

Inhalation Toxicology considers all manuscripts on the strict condition that they have not been published already, nor are they under consideration for publication or in press elsewhere.

Inhalation Toxicology will not consider, in general, redundant publications, i.e. "publication of a paper that overlaps substantially with one already published in print or electronic media" (International Committee on Publication Ethics: http://www.icmje.org/publishing_4overlap.html). This rule applies whether the overlapping papers are from the same authors or not. In addition, Informa has a strict policy against plagiarism. We define plagiarism as the use of extracts from another person's work that are not placed in quotation marks, without the permission of that person, and without acknowledgement to that person (using the appropriate reference style), with the result that your article presents these extracts as original to you. By submitting your work to an Informa Healthcare journal, you warrant that it is your original work, and that you have secured the necessary written permission from the appropriate copyright owner or authority for the reproduction of any illustration or other material. Paraphrasing, defined as "taking portions of text from one or more sources, crediting the author/s, but only changing one or two words or simply rearranging the order, voice (i.e., active vs. passive) and/or tense of the sentences" by the US Office on Research Integrity (http://ori.dhhs.gov/education/products/plagiarism/7.shtml), will not be accepted if found to be used extensively and to make up large sections of the manuscript. Extensive paraphrasing will not be deemed original work and will be viewed as redundant publication and/or plagiarism. Informa Healthcare adheres to the Code of Conduct and Best Practice Guidelines set forth by the Committee on Publication Ethics (COPE). As per these guidelines, failure to adhere to the above conditions will result in the editor and Informa publishing an appropriate correction, a statement of retraction, or enacting a withdrawal of the article. In extreme cases (e.g. when an article is retracted), offending authors will be reported to their institution's Ethics committee and may be banned from submitting to Informa Healthcare journals in the future. Please refer to the COPE website for the detailed workflows for handling allegations of plagiarism or redundant publication (http://www.publicationethics.org/resources/flowcharts).

Peer Review

All manuscripts will be subjected to confidential peer review by experts in the field and, on the basis of reviewers' feedback, papers will be accepted unconditionally, accepted subject to revision or rejected.

Ethics and Consent

 Do not use patients' names, initials, or hospital numbers, especially in illustrative material. Identifying information should not be published in written descriptions, photographs, and pedigrees unless the information is essential for scientific purposes and the patient (or parent or guardian) gives written informed consent for publication. Informed consent for this purpose requires that the patient be shown the manuscript to be published. Papers including animal experiments or clinical trials must be conducted with approval by the local animal care or human subject committees, respectively (see below). To comply with FDAAA legislation, Informa Pharmaceutical Science requires trial registration as a condition of publication for all studies involving clinical trials. Trial registration numbers should be included in the abstract, with full details provided in the methods section. All manuscripts, except reviews, must include a statement in the Introduction or Methods section that the study was approved by an Investigational Review Board (Human Studies Committee or Ethics Committee or Animal Care and Use

Committee), if applicable. Authors who do not have formal ethics review committees should include a statement that their study followed principles in the Declaration of Helsinki (http://www.wma.net/e/policy/b3.htm). When a product has not yet been approved by an appropriate regulatory body for the use described in the manuscript, the author must specify that the product is not approved for the use under discussion or that the product is still under investigation.

Further information on Ethics and Consent can be found by clicking here

Copyright and Permissions

It is a condition of publication that authors assign copyright or license the publication rights in their articles, including abstracts, to Informa UK Ltd. This enables us to ensure full copyright protection and to disseminate the article, and the Journal, to the widest possible readership in print and electronic formats as appropriate. Authors may, of course, use the article elsewhere after publication without prior permission from Informa UK Ltd., provided that acknowledgement is given to the Journal as the original source of publication, and that Informa Pharmaceutical Science is notified so that our records show that its use is properly authorised. Authors retain a number of other rights under the Informa UK Ltd. rights policies documents.

Authors are required to sign an agreement for the transfer of copyright to the publisher. All accepted manuscripts, artwork, and photographs become the property of the publisher. A copyright agreement form can be downloaded by corresponding authors of accepted manuscripts with proofs. This should be signed and returned to Informa Pharmaceutical Science.

Authors are themselves responsible for obtaining permission to reproduce copyright material from other sources.

Further information on Permissions can be found by clicking here.

CrossCheck Please note that your paper may be sent to CrossCheck for a plagiarism check. Click here for more information.

Declaration of Interest

It is the policy of all Informa Pharmaceutical Science, to adhere in principle to the Conflict of Interest policy recommended by the ICMJE. All authors must disclose any financial and personal relationships with other people or organizations that could inappropriately influence (bias) their work. It is the sole responsibility of authors to disclose any affiliation with any organization with a financial interest, direct or indirect, in the subject matter or materials discussed in the manuscript (such as consultancies, employment, paid expert testimony, honoraria, speakers bureaus, retainers, stock options or ownership, patents or patent applications or travel grants) that may affect the conduct or reporting of the work submitted.

To avoid any doubt as to what must be disclosed, Inhalation Toxicology requests that all authors complete and submit the conflict of interest form developed by ICMJE. The forms must be uploaded to the journal's ScholarOne Manuscript site along with the manuscript files during the submission process.

In addition, all potential conflicts of interest must be stated within the manuscript, after the main text, under a subheading "Declaration of interest". If there are no declarations, authors should explicitly state that there are none. Manuscript submission cannot be completed unless a declaration of interest statement (either stating the disclosures or reporting that there are none) is included and the ICMJE forms are uploaded.

The completed ICMJE forms will be made available to reviewers and, if the article is accepted, published online as supplementary material for transparency. The Declaration of interest statement will appear in the published article. If any potential conflicts of interest are found to have been withheld following publication, the journal will proceed according to COPE guidance.

The intent of this policy is not to prevent authors with any particular relationships or interest from publishing their work, but rather to adopt transparency such that reviewers, editors, the publisher, and most importantly, readers can make objective judgements concerning the work product.

NIH/Wellcome Public and Open Access Policies

In consideration of the National Institutes of Health (NIH) and Wellcome Public and Open Access Policies, Informa Pharmaceutical Science acknowledges that the broad and open dissemination of NIH/Wellcome-funded research results may benefit future scientific and medical research. Because we value the current and future contributions our journals make to the scientific body of knowledge, we have made certain that our policies accommodate those authors who wish to submit to PubMed Central.

This will help authors to comply with the NIH and Wellcome Trust revised 'Public Access Policy' and ‘Open Access Policy’, respectively.

NIH policy NIH-funded authors must submit to PMC, or have submitted on their behalf, at the point of acceptance, their peer-reviewed author manuscripts, to appear on PMC no later than 12 months after final publication.

Click here for more information.

Wellcome Trust policy Wellcome-funded authors must submit to UKPMC, or have submitted on their behalf, at the point of acceptance, their peer-reviewed author manuscripts, to appear on UKPMC no later than 6 months after final publication.

Click here for more information.

Under our Author Rights policy, authors also have the right to post their version of the submitted author manuscript (pre-print), or their version of the final published article (post- print) on their personal or institutional web site. Post-print web postings are subject to an embargo of 12 months. Please note that authors should not post manuscripts directly to PMC/UKPMC or other third party sites for any systematic external distribution by a third party (e.g., to a listserv or database connected to a public access server).

Additional Information

Proofs

Usual practice will involve corresponding authors receiving email notification with a password and web address from which to download a PDF. Hard copies of proofs will not be mailed. To avoid delays in publication, corrections to proofs must be returned within 48 hours, by electronic transmittal, fax or mail. Authors will be charged for excessive correction at this stage of production. If authors do not return page proofs promptly, the Publisher reserves the choice to either delay publication to a subsequent issue or to proceed to press without author corrections. The Publisher reserves the right to proceed to press without submitting page proofs to the author.

Reprints

Each corresponding author will receive a PDF file of the final version of their article. Reprints of individual articles are available for order at the time authors review page proofs. A discount on reprints is available to authors who order before print publication. Copies of the journal can be purchased at the author’s preferential rate of $25/£15 per copy.

Further information on Reprints can be found by clicking here.

Contact the publisher

Click here for contact details for the Publisher.

7.2 Anexo II

Termo de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Animal.